

Organização:

Dora Mariela Salcedo Barrientos
Michele Barros de Souza Simões

Priscila Mazza de Faria Braga
Cintia Magalhães Neia

Stefanie Sussai
José Manuel Peixoto Caldas



Mulheres vizinhas de terras distantes

Mulheres vizinhas de terras distantes

Organização: Dora Mariela Salcedo Barrientos (USP), Michele Barros de Souza Simões (UNIFESP), Cintia Magalhães Neia (USP), Priscila Mazza de Faria Braga (USP), Stefanie Sussai (USP), José Manuel Peixoto Caldas (CIEG/ISCSP & ISPUP).

Autoria: Dora Mariela Salcedo Barrientos (USP), Vitória Gabriela Picolo (EACH-USP), Michele Barros de Souza Simões (UNIFESP), Jadson Marques Dantas (EACH-USP), Nathalya Tavares dos Santos (EACH-USP), Cintia Magalhães Neia (USP), Stefanie Sussai (USP).

Consultoria editorial e edição de texto: Edvaldo Pereira Lima.

Revisão: Izabel Cristina Lourenço.

Diagramação: Stefanie Sussai.

Capa: Juliana Vitória da Silva.

Ilustrações: Thiago Henrique Vargas Góis.

Publicado por IdeiaSUS/Fiocruz, em www.ideiasus.fiocruz.br

Livro digital, formato A4, pdf, 62p.

Catálogo na fonte
Fundação Oswaldo Cruz
Instituto de Comunicação e Informação Científica e Tecnológica em Saúde
Biblioteca de Saúde Pública

M956m Mulheres vizinhas de terras distantes / organizado por Dora Mariela Salcedo Barrientos... [et al] — Rio de Janeiro: IdeiaSUS Fiocruz, 2021.
62p., 1,45 MB

ISBN: 978-65-88986-03-5
Site: www.ideiasus.fiocruz.br

1. Assistência Perinatal. 2 Emigrantes e Imigrantes. 3. Gestantes. 4. Violência Doméstica. 5. Parto. 6. Vulnerabilidade em Saúde. I. Salcedo Barrientos, Dora Mariela (Org.). II. Simões, Michele Barros de Souza (Org.). III. Neia, Cintia Magalhães (Org.). IV. Braga, Priscila Mazza de Faria (Org.). V. Sussai, Stefanie (Org.). VI. Caldas, José Manuel Peixoto (Org.). VII. IdeiaSUS Fiocruz. VIII. Título.

CDD - 23.ed. – 618.2

Sumário

Apresentação	5
Prefácio	7
Por ser palavra não morri: Memórias de minha vida - Rosa Maria	10
Por que tudo aconteceu comigo? - Glória	25
O casulo da maternidade – Mercedes	41
QUEM SOMOS	60

Apresentação

Entrar em contato com outras histórias de vida é permitir-se imergir em uma caoticidade que talvez não faça parte da nossa realidade, mas que nos toca profundamente como seres humanos e permite o reconhecimento em vários aspectos da vida. É ser inundado de sentimentos provocados pelo outro. É imortalizar algo ou alguém numa história que continuará sendo contada.

Este livro faz parte de um estudo intitulado Saúde Perinatal em Imigrantes Grávidas: Compreendendo e Intervindo no Contexto Familiar (SALCEDO-BARRIENTOS, 2019)¹, aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa da EACH-USP, obedecendo às exigências da Resolução CNS 466/2012, com parecer n° 3.251.296 e CAAE n° 11271119.9.0000.5390. Produto de uma parceria entre a Universidade de São Paulo (USP), o Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto (ISPUP) e nPeriferias - Grupo de pesquisa das Periferias-IEA-USP (<https://familiaesaude.com.br/>), o objetivo deste trabalho foi compreender, acolher e instrumentalizar as imigrantes grávidas e suas famílias, fortalecendo suas habilidades e potencialidades para construir novos caminhos de superação do fenômeno da violência doméstica, assim como preveni-lo nas próximas gerações.

Apresenta-se aqui a abordagem de três famílias, sob a ótica das protagonistas. Cabe destacar também que a análise – e discussão dos dados deste estudo – sustentada com toda a rigorosidade metodológica, faz parte de um outro volume de livro que será publicado em breve.

As personagens dessas histórias são reais, assim como os seus relatos. Para garantir todo sigilo e privacidade das participantes da pesquisa, foram criados nomes fictícios para cada pessoa citada nas histórias. A pesquisa contou com uma análise desses dados, sustentada na Teoria de Intervenção Prática da Enfermagem em Saúde Coletiva - TIPESC (EGRY, 1996)². A coleta de dados ocorreu através de 20 entrevistas com imigrantes que se encontravam no período gravídico-puerperal e frequentavam a Missão Paz, instituição filantrópica que acolhe imigrantes e refugiados na cidade de São Paulo.

Foi possível perceber momentos em que as imigrantes foram submetidas a situações de violência por parceiro íntimo e outros atores ao longo de sua vida, sendo explicitados por determinantes sociais nas dimensões singular,

¹ SALCEDO- BARRIENTOS, D. M. Saúde perinatal em imigrantes grávidas: compreendendo e intervindo no contexto familiar. Projeto de Pesquisa. Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. 2019.

² EGRY, E.Y; Saúde Coletiva: construindo um novo método em enfermagem. São Paulo: Ícone; 1996.

particular ou estrutural. A partir disso, foram identificados processos protetores e destrutivos e sugeridas propostas de ação para cada caso.

Desses resultados foi proposta a elaboração de um novo projeto intitulado “Contaçon de Histórias: Promovendo a Saúde das Imigrantes no Contexto Familiar”, com o objetivo de sensibilizar, qualificar, promover reflexões e intervir na prevenção de situações de violência doméstica e/ou institucional, através do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Este projeto pretende atender as demandas provenientes das situações de violência sofridas pelas imigrantes, visto que esse tema não foi abordado durante o atendimento pré-natal nas Unidades Básicas de Saúde – UBS -, onde as três mulheres realizaram o acompanhamento gestacional.

Uma dessas propostas de ação foi o uso da contaçon de histórias como ferramenta que dá voz a tantas outras mulheres, imigrantes ou não, vítimas de violência, além de destacar a situação dos imigrantes latinos que tentam a vida na cidade de São Paulo no ramo da costura e outros tipos de serviços.

Para colocar em prática a proposta destacada e sensibilizadora, iniciou-se a escrita de biografias que orientassem a construção das narrativas. Após a leitura das entrevistas, foi elaborada uma narrativa biográfica para cada uma das três imigrantes. Esse material precisou ser transcrito e traduzido. O grupo partiu para a próxima etapa, que seria procurar uma metodologia específica que pudesse servir para o projeto na elaboração desse material sensibilizador. Para guiar essa construção, houve a consultoria de um *storycoach*. Fazendo uso do *storytelling* e da Escrita Total (LIMA, E. P., 2009)³, as três histórias foram escritas da maneira mais fiel possível aos relatos das imigrantes.

O *storytelling* é uma forma de comunicação que integra a qualidade do conteúdo, a forma de expressão e a linguagem. Isto torna a história capaz de realmente tocar o emocional de quem recebe a informação. Na verdade, esse modo narrativo é utilizado desde sempre, pois seu âmago é a arte universal de contar histórias.

Para poder reproduzir e escrever a história de alguém é necessário estar sensibilizado e trabalhar a empatia dentro de si. Ouvir e receber essa pessoa, não só como fonte de informação, mas como ser humano com toda uma historicidade, contemplando a grandeza, as vulnerabilidades e as potencialidades de cada um(a).

Você será apresentado a três mulheres, três destinos, três histórias diferentes, mas que em vários momentos se cruzam em semelhanças, desafios e transformações. Mulheres que, de forma única, contam suas

³ LIMA, E. P; Escrita Total: escrevendo bem e vivendo com prazer, alma e propósito. Edição do Autor - Sistema Clube de Autores, 2009. p. 1-500.

histórias felizes, tristes, traumáticas e transformadoras, enquanto vivenciam a gestação, o parto e o puerpério. Boa leitura! ¡Buena lectura!

Prefácio

**Vozes da imigração: narrativas de mulheres latino-americanas
residentes em São Paulo**

“A migração de hoje é um escândalo social da humanidade”

Papa Francisco⁴

Embora, globalmente, as mulheres no mundo correspondam a menos de metade dos migrantes internacionais (49% em 2000 e 48% em 2019)⁵, verifica-se que tem aumentado o número de países onde a proporção de mulheres é superior à dos homens no universo de migrantes internacionais. Em 2019, a percentagem de mulheres entre todos os migrantes internacionais era mais alta na América do Norte (51,8%) e na Europa (51,4%). Oceania (50,4%), América Latina e Caribe (49,9%), Ásia Central e Meridional (49,4%) e Leste e Sudeste Asiático (49,3%) receberam uma proporção quase igual de migrantes do sexo feminino e masculino. A proporção de mulheres migrantes era mais baixa na África Subsaariana (47,5%) e no Norte da África e na Ásia Ocidental (35,5)⁶. No entanto até hoje, a questão de gênero não foi suficientemente valorizada nas análises das migrações internacionais.

As mudanças do papel da mulher em muitas sociedades, sua inserção no mercado de trabalho, os avanços no processo de emancipação e, sobretudo, o aumento do número de mulheres migrantes fizeram com que se tornasse cada vez mais questionável e obsoleta a redução da mulher a agente passivo no ato migratório. Além disso, percebeu-se, de forma cada vez mais clara, que a migração da mulher, em seus elementos constitutivos, podia ter características profundamente diferentes da migração do homem, impossibilitando, assim, análises e avaliações genéricas e neutras quanto à questão de gênero. Começou-se, portanto, a utilizar a expressão “feminização das migrações” para designar, de forma genérica, as mudanças que, nas últimas décadas, envolveram as mulheres no contexto migratório.

Atualmente temos um conhecimento muito mais alargado sobre o papel das mulheres nas migrações internacionais e sobre o modo como as categorias de gênero (incluindo a discriminação e a violência de gênero) influenciam a experiência das mulheres nas diferentes fases do processo migratório (antes da saída, em trânsito, no país de acolhimento e no eventual regresso ao país de origem). A discussão sobre o impacto das migrações internacionais para os direitos humanos das mulheres continua a ser marcada pela atenção aos aspectos patológicos (e.g. tráfico,

⁴ Audiência Geral de 29/12/2021, Vatican News, Roma:
<https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2021-12/papa-audiencia-geral-jose-migracao-escandalo-social-humanidade.html>

⁵ United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019). International Migration 2019: Wall Chart (ST/ESA/SER/A/431).

⁶ United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division (2019). International Migration 2019: Wall Chart (ST/ESA/SER/A/431).

exploração), mas, à semelhança do que se passa para as discussões sobre as migrações em geral, tem-se procurado sublinhar igualmente os aspectos positivos do processo, não apenas para as mulheres migrantes como também para as suas congêneres nas sociedades de acolhimento.

Tão ou mais popular do que a tese da feminização é o tópos da interseccionalidade, que, aplicado à análise das migrações internacionais contemporâneas, tem servido essencialmente para notar que a vulnerabilidade das mulheres imigrantes resulta não apenas da sua condição de mulheres e de migrantes, mas do cruzamento destes com vários outros fatores de discriminação (raça e etnicidade, cultura, religião, classe, nacionalidade, orientação sexual, etc.) que se reforçam mutuamente, potenciando abusos e exacerbando as dificuldades de integração das mulheres imigrantes nas respectivas sociedades de acolhimento.

Conhecendo as inúmeras dificuldades que as mulheres brasileiras enfrentam no seu cotidiano como salários inferiores aos dos homens, assédio no trabalho, dupla/tripla jornada, violência doméstica e tantas outras dificuldades imputadas às mulheres, os autores propuseram-se refletir sobre como é ser mulher latino-americana imigrante, na maior urbe da América do Sul, São Paulo-Brasil. Em São Paulo, as migrações latino-americanas (tradicionalmente boliviana, peruana, colombiana e atualmente venezuelana) constituem parte crucial da história e perfil das migrações nas duas últimas décadas⁷.

Estes recortes integrados, pouco explorados em termos mais amplos na agenda pública, são de vital importância para que a articulação em âmbito social e a atenção dada nas políticas públicas voltadas para migrantes sejam analisadas, e propostas soluções que atendam às necessidades materiais, econômicas, sociais, étnicas e culturais das mulheres migrantes. A partir de três narrativas entender quais os problemas das mulheres imigrantes que vivem na cidade de São Paulo, oferecer escuta a estas mulheres que além de ter suas vozes silenciadas, simplesmente por serem mulheres, ainda encontram a barreira do idioma para se expressar.

“Ser mulher sempre foi uma tarefa heroica; ser mulher e imigrante, mais ainda”. (Oriana Jara Maculet/MigraMundo)

Migrar es tocar tierra...

Migrar es tocar tierra
sin mi familia;

⁷ Anais do Seminário “Migrações Internacionais, Refúgios e Políticas”
<https://www.nepo.unicamp.br/publicacoes/anais/migracoesInternacionais.php>

tierra donde extrañar se
vuelve tu apellido.

Abrazar un silencio sordo,
anidar una grieta,
volver a comenzar. (...)

Migrar es tocar tierra,
Tocar los recuerdos con la mente,
Sumar voluntad y valentía.
Volver a ser, reconstruirse,
Viajar a otro suelo que nos da cobijo,
Soñar con el regreso,
Definirte y redefinirte, dudar, luchar
Encontrarse con tu “otro”.

Migrar es tocar tierra
que no te pertenece,
Ajena, distinta, desconocida e incierta.
Aprender a hablar
volando hacia adentro,
desplazarse y cambiar,
abrir el corazón en presente.

Zakarías Zafra | Poeta migrante venezolano

José Manuel Peixoto Caldas - CIEG | ISCSP – Universidade de Lisboa

**Por ser palavra não morri: Memórias de minha
vida - Rosa Maria**

Vitória Gabriela Picolo

Dora Mariela Salcedo Barrientos

Cintia Magalhães Neia

Nathalya Tavares dos Santos

Era só mais um dia

Era só mais um dia, assim como qualquer outro dia, exatamente igual, só que diferente. Todos os dias eu tinha que estar em casa antes que o meu marido chegasse do trabalho, isso por volta de três...três e meia da tarde, mas nesse dia, eu cheguei às cinco. Por que inventei de parar e tomar refresco na casa da minha irmã? Eu já sabia que ele não gostava dela. Desde o início ele tinha medo que ela dissesse para que eu o deixasse. Ele é um homem bom, mas muito nervoso! É claro que eu sabia, que cabeça essa minha, como eu pude cometer tal erro? Mas eu tinha passado para pagar a conta de luz na lotérica, Clarice morava logo perto, eu não estava bem, precisava de um refresco!

Só que isso foi o suficiente para o início de uma tempestade em copo de refresco, que viraria tempestade dentro de mim mesma. Antes mesmo que eu tivesse esquecido o sabor e a refrescância proporcionada, eu já estava imersa até o pescoço em uma briga. Aliás, o relógio já marcava depois das cinco.

Nesse dia, brigamos feio. Eu até que já estava acostumada. Não era a primeira vez que isso acontecia. Mas, naquele momento, com tantas semanas de gestação, eu não respondia só por mim, e assim como meu outro filho, acho que o bebê não gostou nada daquela briga. Naquela noite visitei o hospital devido à dor absurda que sentia, uma dor que emergia como uma cólica, não dessas normais que a gente tem. A dor subia para o peito e eu não conseguia respirar, subia para a cabeça e eu só conseguia gritar, adentrava a alma e meu grito também era silêncio de existir.

Primeiro, muito assustada, eu agachava, levantava, deitava e gritava, tudo em mim era dor. Javier se assustou e perguntou o que eu tinha, mas, como se o mundo a minha volta estivesse em câmera lenta, eu não conseguia reagir, depois não consegui me mover. E, então, não senti mais meu filho se mexer, éramos um só, ali, parados, assustados e com uma dor que transpassava o corpo e deixava minha barriga muito dura. Minha irmã, assustada, me fez visitar o hospital. Os exames? “Está tudo bem” disse o médico, quase que sussurrando, sem ao menos me olhar nos olhos; sem ao menos perguntar de onde vinha a dor; me medicou para uma dor incompreendida, por ele, por mim, por Javier, por todos.



Escada de cedro com pregos enferrujados

Pode parecer ironia do destino, mas eu conheci Javier, através da minha irmã, sendo que ambos não se gostam nem um pouco.

Inicialmente tínhamos uma amizade e nos conhecemos por causa do trabalho, aqui em São Paulo. Éramos amigos, fomos nos aproximando quando comecei a trabalhar para ele, e isso acabou se transformando em um relacionamento amoroso com Javier... e uma briga com Clarice.

Minha irmã ficou furiosa, se sentiu traída quando eu decidi trabalhar com meu Javier, já que ele pagava mais. O que ela não entendia é que na situação em que eu estava, num sonho de busca por condições melhores de vida para mim e meu filho Álvaro, vi em Javier não só um amigo, não só um amor, mas também uma oportunidade de viver em melhores condições, e eu gostava dele... gosto... não sei exatamente... ele é uma boa pessoa, mas

nervoso.

Desde então, Javier e Clarice não se dão bem. Isso que aconteceu por causa do refresco, é só uma entre tantas situações que tive que viver. Uma guerra constante entre os dois. Mas no ramo têxtil é assim mesmo, cada centavo faz diferença, cada hora de trabalho faz diferença e cada detalhe pode se tornar um abismo, já que as condições não são favoráveis para nossa gente, para nossa regularização.

Por exemplo, trabalhando com a minha irmã, eu vivia uma rotina pesada, trabalhava das onze da manhã às onze da noite. Ganhava cerca de setecentos reais por mês. Já com Javier, embora o trabalho também fosse pesado, o pagamento era diferente. Dava para acumular dinheiro, já que ele pagava por peça produzida. Cerca de trinta a cinquenta centavos por peça.

Eu tenho que reconhecer, meu relacionamento com Javier me trouxe várias vantagens. Lembro que no início eu não sabia muitas coisas sobre o meu ofício. Apesar de ter feito curso de costura, não era com todas as máquinas que eu sabia mexer. Aos poucos, ele foi me ensinando e eu aprendendo. Mas em relação ao salário, não ganhava muito mais, eu só sabia o básico. Ele me dizia que se eu soubesse mais, poderia ganhar mais. Ah, que ciclo. Como saber mais? Se para saber mais é preciso pagar por isso? Como se paga para aprender se o dinheiro é pouco para comer?

Álvaro tem sorte de estar na escola. Quando eu era criança, fui só até o primário. Tenho sonho de fazer alguma coisa... terminar muita coisa... mas eu vou adiando, né?! Adiado para um futuro indefinido, sem data marcada, sem saber ao certo quantos degraus eu ainda preciso subir. Minha escada é daquelas bem antigas, de madeira de cedro e prego com ferrugem. Tem muita gente com escada rolante por aí, daquelas com espelho, de lugares de gente rica. Espero que Álvaro consiga uma daquelas rolantes do metrô mesmo, já seria um grande passo. Desse jeito, não teria que trabalhar como eu trabalho, vivo esgotada. Manipular linha e agulha o dia todo, por horas, cansa muito. A vista fica muito forçada e as costas doem. Será o peso de costurar? Será que é o peso de carregar nas costas uma vida que se resume a minha casa e à costura, sem viver mais nada? Não vou à igreja, não faço atividades esportivas, é tudo muito corrido, não dá para fazer mais nada. Será que estou vivendo ou apenas segurando esse grande fardo em cima de uma escada de cedro com pregos enferrujados?

Eu não sou daqui

Quando paro para pensar em quantos degraus dessa escada já subi, não sei explicar exatamente o que sinto, parece que sigo a subir lentamente, com medo da queda, com medo do percurso, com medo do que me espera no próximo passo. Quantas vezes me segurei nessa escada usando apenas uma das mãos? Quantas vezes me faltou força e a perna bambeou? Quantas vezes o degrau dessa velha escada partiu ao meio e me deixou em pedaços,

lá embaixo, para começar a subir de novo? Quantas vezes minha escada me foi roubada?

Chamo-me Rosa Maria, acho que o destino meio que sabia os espinhos que espetariam meu dedo durante a escalada bruta pela vida. Fiz vinte e oito anos agora, no fim da primavera. Eu não sou deste país, eu não sou daqui, não pertenço aqui, não me querem aqui, é isso que escuto com frequência em lugares públicos desta cidade.

Sou boliviana, só estou há dois anos morando no Brasil, mas parece que brasileiro não gosta muito de imigrante. Ainda mais se vier de onde venho, buscando o que busco: mudança de vida. Tenho, às vezes, a impressão que aqueles que por mim cruzam e dizem “volta para o seu país” acham que estão numa escada diferente da minha. Até podem estar, mas será que não buscamos o mesmo objetivo? Talvez eu precise manter minha mente mais em silêncio... Javier tem razão em ficar tão bravo comigo às vezes.

Onde eu nasci, La Paz, tem uma montanha famosa de escalada chamada Huayna Potosi. Ainda pequena, eu via alguns turistas se preparando com grandes malas para sua jornada. Sinto que comecei minha jornada sem mala, descalça e abandonada no inverno. Isso porque quando criança fui abandonada de fato. Quem me criou foi minha madrinha, já que minha mãe não pôde me criar. Meus pais eram separados, aliás nunca nem falei com meu pai. Depois me foi retirada a blusinha de frio que me esquentava, perdi minha madrinha ainda pequena, não tenho família!

Seguir só

Quando sinto o meu bebê mexer, minha mente se enche de memórias lá da Bolívia. Lembro um pouco de quando eu era mais nova, já adolescente, minha primeira menstruação, minha primeira relação sexual, minha primeira gravidez. Agora é tão diferente!

Fiquei grávida do Álvaro aos meus vinte e um anos. Foi um período difícil da minha vida, mas ele me trouxe felicidade. O problema mesmo era meu antigo companheiro, ele era difícil de lidar. Não voltava à noite para casa, chegava cedo da manhã sem explicações. Ele não bebia, mas era descuidado.

Eu não tinha planejado essa gestação, usava camisinha, mas em um dia de descuido aconteceu e decidi ter meu filho. A gravidez dele foi tranquila, eu trabalhava, não sentia nada de vômitos, tonturas, nada de enjoos, trabalhei normal. Álvaro nasceu de parto normal em um hospital.

Nesse período da minha vida, eu trabalhava muito em uma casa de família. Minha patroa era boa e me ajudava. Foi aí que comecei a pensar sobre sair do país. Lá na Bolívia, as coisas são difíceis e eu queria mudança de vida.

Consegui juntar algum dinheiro para me mudar. Mas o pai do meu filho pediu-me o dinheiro, com a promessa de que o devolveria. Promessa com palavras soltas ao vento, caí nessa conversa.

Acabei foi com uma dívida no banco, porque ele não me pagava o que me devia. Isso me incomodou muito, pois sempre batalhei para ter meu dinheiro honrado. Eu mesma não tinha nada, não foi certo o que ele fez, usar meu nome assim, sempre trabalhei muito.

Não era justo o que ele tinha feito comigo, não era justa a forma que ele me tratava, essa situação toda não era justa. Mas quem se preocupa em fazer justiça para uma mulher como eu? Decidi então me separar. Quando cheguei aqui no Brasil, Álvaro tinha apenas quatro anos. Seu pai não sabe que eu estou aqui, não falo com ele, quero distância. Nem fui atrás da pensão alimentícia que ele deveria me pagar. Foi melhor assim, já estava acostumada a seguir só.

A mudança

Se eu fechar os meus olhos agora, eu consigo reviver exatamente o dia que cheguei neste país, reviver a passagem pela fronteira, reviver o medo, o alívio e a esperança por dias melhores. Vim para o Brasil com a ajuda de minha irmã, para trabalhar com ela. Foi ela que pagou nossas passagens, por isso se sentiu tão traída quando fui trabalhar com Javier.

Já fazia um tempo que ela morava por aqui, mas minha relação com Clarice sempre foi um pouco distante. Agora ela tem trinta anos, mas, diferente de mim, foi criada por nossa mãe, na Bolívia. Trabalhei com ela uns quatro meses. Eu tinha que pagar com meu trabalho a passagem que ela conseguiu para eu cruzar uma linha imaginária que divide nações.

A costura foi nossa oportunidade ou nosso martírio, não sei bem como definir, a linha é bem tênue. Às vezes me sinto numa corda bamba: de um lado, os ossos do ofício e, de outro, a esperança por melhores condições de vida. O curso de costura que eu tinha foi realizado ainda na Bolívia, mas nem certificado eu consegui tirar. Eu sabia o básico para trabalhar com Clarice. Mas foi o próprio Javier que, aos poucos, me ensinou mais. Sou grata a ele por isso, ele é uma boa pessoa.

Ciclo

Javier também é boliviano, tem vinte e seis anos e veio ao Brasil sozinho para trabalhar. A mãe dele morreu quando ele tinha só oito anos e o pai bebia muito e batia muito nele. Era ele quem cuidava dos irmãos, ficava sozinho com eles, porque o pai bebia. Aliás, aprendeu a costurar com seu irmão. É por isso que o defendo, acaba por ser um ciclo sem fim. Ele reflete coisas que o pai dele foi. Temo que meus filhos também façam isso. Mas eu

vou engolindo muita coisa que acontece, eu o compreendo, eu gosto dele.

Ele já tem uma filha de um relacionamento anterior, mas eu também tenho um filho de outro relacionamento. Só que ele não mantém contato, se separou quando a filha nasceu e acabou o problema. Não preciso me preocupar com essa questão.

Já estamos juntos há algum tempo e mesmo com a gestação não sei se quero me casar com ele... Ele pensa em casar, queria falar com a família toda, parece que quer algo sério. Fico muito dividida ainda, é uma situação complexa. Atualmente, Javier, Álvaro e eu dividimos uma casa com outras famílias e trabalhamos bem perto, na oficina de uma pessoa que não conhecemos muito bem.

Como pode ver, nosso relacionamento começou com um acordo trabalhista. Além do trabalho pesado, ainda aconteceram outros episódios que não me deixaram feliz. Já sofri algumas agressões. Ainda me lembro da primeira vez que isso aconteceu, eu não estava grávida, nem me lembro ao certo o motivo. Ele me apertava, não sei quantas vezes...e eu querendo me mexer sem conseguir. Sempre por motivo besta, mas eu sempre o desculpava.

Uma vez, ele chegou a me bater sim, foi bem no meu rosto. Nesse dia eu fiquei em choque, ele nunca tinha feito isso. Mas eu só consegui fazer silêncio. Paralisada, frustrada, decepcionada e em estado de choque. Eu era silêncio gritado, não falei nada. Essa é uma lembrança que martela em minha mente e me faz questionar sobre casar ou não com ele.

Como eu disse, mesmo com a gravidez, essa questão ainda não está resolvida dentro de mim. A gravidez não foi planejada, eu não estava usando nada, a não ser a contagem. Era ele quem estava se cuidando, eu fiquei confusa, um pouco perdida, porém ficamos felizes com a chegada de um bebê. Eu não queria, não queria, não queria, depois eu queria também. Já Javier, estava animado, ele esperava e sonhava com um menino. Mas é fácil para um homem ficar feliz em ser pai, a mãe é quem carrega tudo!

E outros problemas foram surgindo também. Apesar de ele ser um homem honesto, um trabalhador dedicado e um grande empreendedor, Javier, como já disse, é muito nervoso. Talvez por causa da rotina que leva, talvez por ser imigrante como eu, talvez por causa dos reflexos de sua trajetória, são tantos possíveis “talvez”.

Por não saber como ele lida e como eu posso lidar com esses “talvez”, que passam pela minha mente enquanto costuro, acabamos por ter muitas brigas. Mas agora na gestação é diferente. Antes eu não falava nada, primeiro porque não nos conhecíamos tão bem. Também porque havia diferença de pensamento e eu estava acostumada a ficar sozinha, ser só, ter

minha liberdade, minha restrita liberdade.

Eu não estava acostumada com marido. Muito menos marido que quer saber toda hora onde estou, o que estou fazendo, que hora que eu chego, por isso brigamos no dia que parei para tomar refresco na casa de Clarice. Tinha vez que eu deixava, porque brigar com ele seria estar à mesma altura, muita ignorância, deixava ele quieto e, quando sua raiva passava, ele admitia que não iria fazer mais. Me explicava que não faria mais assim, mas sempre voltávamos nisso.

Meu filho presenciou algumas agressões verbais e, apesar de ser só uma criança, quando viu, quis bater no meu marido. Isso me preocupou muito, então eu o mandei para baixo, apaziguei a situação, expliquei que depois a gente se falava, eu queria protegê-lo deste sentimento, queria poupá-lo de crescer assim, violento.

Falei primeiro com Javier, coloquei-o contra a parede e disse:

- Olha, o que a gente vai fazer? Se você quer ser pai, fala para ele, é você que deve falar para ele, não eu, você que está errado, eu não!

Ele disse que me entendia, desabafou que não sabia como lidar com um filho, que eu tinha que ter paciência porque a verdade é que ele não sabia ser pai. Engraçado, as mulheres desde novas aprendem como é ser mãe e eu tinha que ter paciência e ensinar ele ser pai.

Às vezes também penso que eu sou a errada e a culpada por tudo isso. Já falei coisas ruins para ele, que ele é mau, que não íamos dar certo, que ia deixá-lo, que não era bom para Álvaro. Mas tudo é muito complicado, eu queria deixá-lo, mas ainda tínhamos trabalho a fazer, contas para pagar, filhos para criar... Então eu deixo essas situações passarem, como a do refresco, como a briga com Álvaro. Guardo para mim e penso “quando acabar este trabalho eu vou falar”, mas o tempo passa, tudo se acalma, a poeira abaixa e vou deixando para depois.

Tive que desenvolver uma estratégia com meu filho, para que ele não fique tão irritado com Javier. Eu digo para ele se lembrar de momentos bons com meu marido. Como o dia que foi ao parquinho, as coisas que ganha, as roupas que meu esposo leva, a companhia dele, explico que queremos fazer o melhor.

A gestação

Não compartilhei sobre minha gravidez com a minha família, ninguém sabe nada, só minha irmã. Bloqueei todos os meus amigos e familiares no WhatsApp e no Facebook, e me sinto bem assim. Eu não tenho celular,

compartilho o aparelho do meu companheiro.

Fiz meu acompanhamento pré-natal na UBS – Unidade Básica de Saúde. Iniciei ainda no primeiro trimestre da gestação, as consultas duram em média quinze minutos com os profissionais. Durante a gestação, descobri que estava com sífilis e fiz o tratamento. Não sei dizer o que é sífilis, e também nunca me explicaram do que se tratava. Até o oitavo mês, meu companheiro não tinha realizado exames para sífilis.

Na UBS consegui atendimento com o dentista, fazia muito tempo que eu não pisava em um consultório odontológico, uns dez ou doze anos. Ficou mais fácil conseguir uma consulta por conta da gestação. Tive de arrancar alguns dentes, pois já não estavam em condições de serem restaurados. O dentista estava tirando só os pedaços que estavam lá e disse que tinha muitas bactérias, mas acho que o posto não vai me dar uma prótese, acho que vou ter de comprar.

Na UBS nunca me deram orientações sobre o trabalho de parto. Sempre pensei que o meu parto aconteceria na Santa Casa, como aconteceu. Escolhi esta instituição, pois lá são bons conosco e porque é uma referência.

Eu mudei muito durante a gravidez, porque meus nervos estavam a ponto. Nos primeiros dias da gravidez não, mas, depois, os dias foram passando e depois foi aumentando, aumentando... e eu não podia mais. Ele falava alguma coisa eu também respondia a ele. Depois que fiquei mal, ele parou de brigar comigo! Agora ele está mais tranquilo. Ele se assustou muito com tudo que aconteceu.

São muitas coisas que me deixam nervosa: as brigas com meu marido, problemas no trabalho... além disso, tem os afazeres da casa, que na maioria das vezes eu sou a única a fazer. Moramos em uma casa alugada, com três quartos, sendo que ocupamos um dos cômodos. Os outros são ocupados por outras famílias, ao todo estamos em nove pessoas. A casa conta com apenas um banheiro, se eu limpo, está tudo limpo; se não limpo, está tudo sujo. Tem que limpar, eu limpo quando posso. Não faço coisa pesada, quando podia limpava cada final de semana com cloro, mas agora não posso, por conta da gravidez. Limpo o que dá.

Briga pelo refresco

O dia que fui parar no hospital por causa daquela pausa para o refresco, não contei para a assistente social que me atende. Até porque se lhe conto o que aconteceu, ela ia querer me levar direto para a delegacia. Eu penso em me separar de Javier, mas acho que ainda não devo. Quem me acompanharia no parto? Quem poderia me ajudar?

Quando voltei para casa, naquela noite, ele veio e aí, como estava bem assustado já me pediu desculpas. Disse que nunca mais ia me tratar assim... mas não foi a primeira vez. Também não foi a primeira vez que ele me pediu desculpas... e ele mesmo falou, que isso vence ele e por isso fica assim, com raiva. E não controla o que faz, depois de um tempo, passa, e então ele fica arrependido e analisa por que fez isso. Penso que temos que tratar estas questões porque, estamos mal, muito mal, veja... e eu não estou aguentando... temos passado muitas coisas. Por conta dessas coisas, eu queria deixá-lo na verdade, queria ir com a minha irmã, queria às vezes.

Naquela vez eu disse a ele:

- Que grave! Que não se importa nem com a vida de seu filho, que pena! É triste demais que se importa apenas com coisas que pode conseguir com o trabalho. Que pena, que triste! Isso é o que mais pena me dá. Não te importas, não sabes onde estou, não sabes como está teu filho.

Não entendo eu falei, não entendo!... E ele me disse:

- Por que faz assim? Não podia chegar e perguntar? Perguntar como me sinto? Aí diríamos nossas histórias!

Eu me sentia prejudicada, já não recebia mais seus carinhos, não passeávamos de mãos dadas, não conversávamos, faltava respeito... Se eu fosse mensurar o amor que sentia por ele, numa escala de zero a dez, eu daria cinco.

Quando brigávamos, eu também o insultava. Na hora da raiva, dizia-lhe que tínhamos um filho para criar, se não tivéssemos nada... Muitas vezes brigávamos por dinheiro e eu falava para ele que se trabalhar demais não o estava fazendo se sentir feliz, por que fazê-lo?

Meu parto

Já perto de ganhar meu bebê, pela manhã comecei a sentir dores. Eu pensei que ia acontecer, mas continuei a fazer minhas coisas normalmente. Nesse mesmo dia, três de julho, às quatro horas, eu tinha consulta. Eu estava indo um dia sim, um dia não ao hospital para ver como o bebê estava. Na sexta-feira, sentindo dores no baixo ventre, pedi ao meu marido para chamar um Uber para ir ao hospital. Chegando lá, me disseram que eu estava prestes a ter o bebê, pedi um celular emprestado e avisei meu marido.

O cartão de pré-natal e minha identidade eram tudo o que eu carregava. No posto não me avisaram nada, só me disseram que eu tinha que trazer meus documentos. Outras pessoas é que me disseram para trazer as roupas, fraldas para o bebê, mas eles não me pediram. Graças ao telefone

emprestado consegui ligar para meu marido e ele conseguiu chegar a tempo para me acompanhar no parto. Pedi-lhe para trazer as minhas roupas e as roupas do bebê e lá no hospital nos deram um armário para deixarmos tudo.

Às quatro ou cinco horas da tarde eu fui atendida. A cada quinze minutos doía, eu tinha contrações, eles me disseram que eu estava com cinco centímetros de dilatação. Me admitiram rapidamente, fizeram meus papéis e me colocaram no soro. As dores foram ficando cada vez mais fortes. Eu estava na cama com seis centímetros de dilatação, subi para sete bem rápido. Às oito e meia, eu já estava com nove e às nove horas já estava com dez. Às nove horas e dez minutos nasceu. E então tudo aconteceu, eu estava sangrando muito, eles me costuraram.

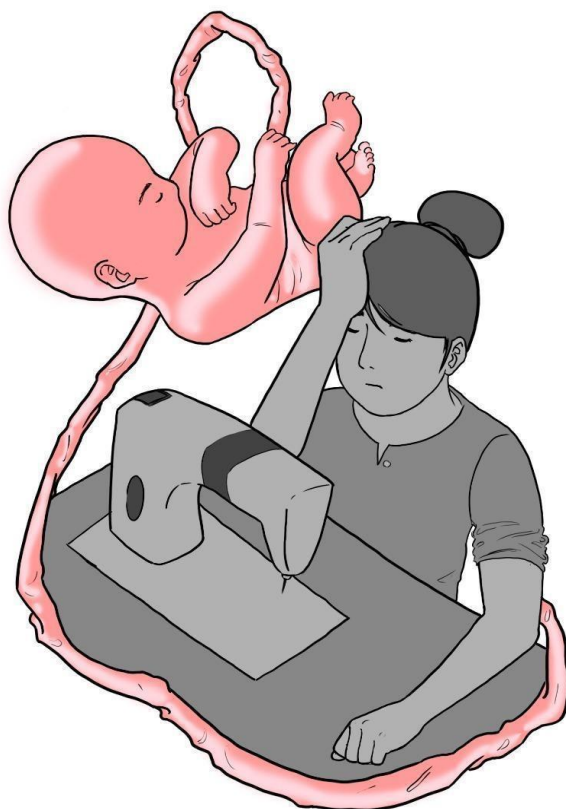
Fiquei quatro dias no hospital. Eu tive que fazer exames de sangue para descartar sífilis. Isso porque tive a doença durante a gravidez. Me disseram que poderia ter transmitido para meu filho. Se eu tivesse contaminado o bebê ele teria que ficar internado! Mas ainda bem, o teste deu negativo. Tive alta no sábado à noite.

Pós-parto - Abandonada entre linhas

Meu pós-parto foi muito difícil, mas, a essa altura da história, imagina-se que não foi fácil. Eu estava fora de casa, fora das minhas origens, longe da minha ancestralidade, longe de apoio, longe da minha irmã. Bem distante do que eu imaginava e queria para aquele momento. Era como se meu corpo e minha alma estivessem desgrudados em um duelo interno interminável nesse mundo que é a maternidade para uma imigrante.

Mas eu estava perto, muito perto, mais perto do que eu queria, de Javier, das suas brigas, suas implicações, seus estados de nervos repentinos. Estava praticamente grudada à costura, eu tinha que trabalhar. Ora, quem iria estar ali por mim? Fui abandonada pelos meus pais, a vida toda estive em situação de abandono! Por que acreditar que seria diferente naquele momento?

Eu tive que me virar, abandonada. Mesmo com muitas dores nas costas, voltei a costurar, apenas três dias após o nascimento de Roberto. Teve gente, alheia a minha vida, que não sabia pelo que eu passava, não sabia minha história, não sabia sobre minha condição. Tentou me convencer que eu precisava descansar, gente de privilégio...



Eu precisava de dinheiro, sou pobre, imigrante, estrangeira em um país que não me compreende, em um serviço que se trabalha muito para ganhar pouco. Submetida a situação de sustentar duas crianças, abandonada pela minha família, abandonada de acolhimento, abandonada o suficiente para não saber nem o que pensar, como reagir, como ser forte. Mas eu não podia me dar o luxo do descanso, dinheiro não se faz com descanso.

Abandonada entre linhas. Ligada à máquina de costura. Ligada ao ser mãe. Ligada ao medo de Javier. Linhas que se ligavam de maneira embaraçada formando um emaranhado complexo na minha mente. Entrelinhas da minha vida incompreendida que suplicava por silêncio. Mas recebia choro de recém-nascido.

Brigas

O irmão dele passou alguns dias hospedado conosco, chegou a presenciar algumas brigas. Inclusive nos separou num dia em que eu gritava, batia e até chutava. Seu irmão dizia: “como podem brigar assim?”. Eu estava com as mãos formigando, a cabeça doendo, parecendo que iria explodir. Minha barriga doeu, minha ferida, meu corpo, minha cabeça, tudo. Eu não conseguia mais me levantar, eles ficaram assustados porque eu não estava reagindo. Eu não podia reagir, eu fiquei bastante mal, tudo aquilo fazia com que eu me afogasse em mim mesma.

Mas o Javier não ouve ninguém, nem ao irmão nem a mim. Minha irmã mais velha já tinha falado com ele: “Como você pode fazer isso? Você tem que trabalhar, se você quer estar vivo tem que trabalhar! Ela tem que descansar, você não pode fazer isso, ela tem que descansar, cuidar do bebê.”

“Não se envolva! Eu não me meto nas suas coisas. Eu sou do jeito que eu sou, eu não vou mudar”.

Eu queria abandoná-lo porque na minha gravidez anterior havia minha irmã que podia me ajudar. Ela lavava minhas roupas, me trazia comida. Mas agora eu não tenho ajuda, nem dele e nem de ninguém. Sigo abandonada, sozinha, fechada em uma prisão sem grades, presa em mim mesma, repassando diversas vezes durante meu silêncio diversas questões: Por que estou sozinha? Por que não deixo Javier? Por que chegamos até esse ponto? Será que devo ver até onde esse homem vai chegar? Será que ele é capaz de ser um bom pai?

Perdida nessas questões, me lembro do dia em que estávamos em casa e o carrinho de bebê do meu filho precisava ser balançado para que não chorasse. Álvaro, por ser ainda criança, às vezes comete um erro, é normal, coisa de criança, mas Javier bate nele.

A sua cabeça está um pouco ruim, pois teve várias batidas e quedas. Às vezes sangra, a pressão parece aumentar. Já falei para o Javier não bater na cabeça. Se quiser, pode bater em outro lugar. Mas na cabeça não! Porém ele continua batendo. Meu filho me conta tudo, ele disse:

- Mamãe, ele me bateu sem parar!



Teve uma outra vez em que o cabo da tevê se soltou e tudo desligou. O Javier disse:

- Vem, vem, como você vai desligar assim? - Bateu novamente na cabeça da criança.

Então perguntei:

- Ei, o que há de errado com você? Por acaso meu filho é seu empregado?

Então Javier disse:

- Você mimma muito esse menino! Já pensou em como ele vai ser? Um dia ele também será empregado de alguém!

Pedi a ele que se colocasse no meu lugar.

- Ou você quer que eu faça ao seu filho o que você está fazendo comigo? Não está certo o que você está fazendo.

Javier, demonstrando pouca empatia, respondeu:

- Não me importo! Pode desaparecer com seu filho!

Então falei:

- Tudo bem, então você tem que me dizer que você não se importa com meu filho. Me diga tudo, que eu sei que você não se importa com meu filho. Desde o início, você deveria ter me falado as coisas.

Javier ameaçou:

- Agora eu vou bater nele!

- Quero ver você tocar nele agora! Vou matar você! Não permito que você o toque! Você não é nada!



Javier disse que não se importava com meu filho. Tudo bem. Mas se ele bater no Álvaro, eu acabo com ele!

Eu já estou farta de toda essa situação! Mas não vejo saída! O que eu posso fazer agora? Ainda estou de dieta, trabalhando sem parar na costura, tenho a casa para cuidar, muitas obrigações a fazer, tenho a impressão que venho andando em círculo, abandonada e sozinha. Quero ser corajosa! Quero ser diferente!

Quero transformar toda minha insegurança em força! Sou profunda demais para acabar! Quando tudo foi fim, eu escrevi essa história. E por ser palavra, não morri! Se eu perder a guerra, que seja para ganhar a paz!

Por que tudo aconteceu comigo? - Glória

Michele Barros de Souza Simões

Dora Mariela Salcedo Barrientos

Stefanie Sussai

Mamãe, cadê você?

Minha vida difícil começa na minha identidade confusa. Sou peruana, mas minha nacionalidade é boliviana e hoje vivo no Brasil. Cresci assim dependendo do acolhimento de pessoas estranhas, que tentaram encontrar meus pais. Foram muitas peregrinações em busca deles: começaram pela rua onde me encontraram, depois, pelo bairro, pelas fazendas ao redor. Anunciaram nas rádios, espalharam cartazes, aqueles bem precários escritos à mão com erros de ortografia, foram tantas as buscas, mas, por fim, desistiram.

Eu era pequena, não entendia muito bem as coisas. Mas sabia que um joelho ralado doía muito quando não se tem um colo materno, e que os heróis fictícios eram os únicos verdadeiros para mim, já que eu não tinha um pai para chamar de meu herói. Por causa da má sorte, eu não conheci meus pais.

A situação econômica desses que tentavam ser minha família - por pena ou por força maior do destino - era precária, então com quase nada que tínhamos, partimos rumo à Bolívia. Eu acho que foi quando eu tinha uns seis ou oito anos... não me lembro.

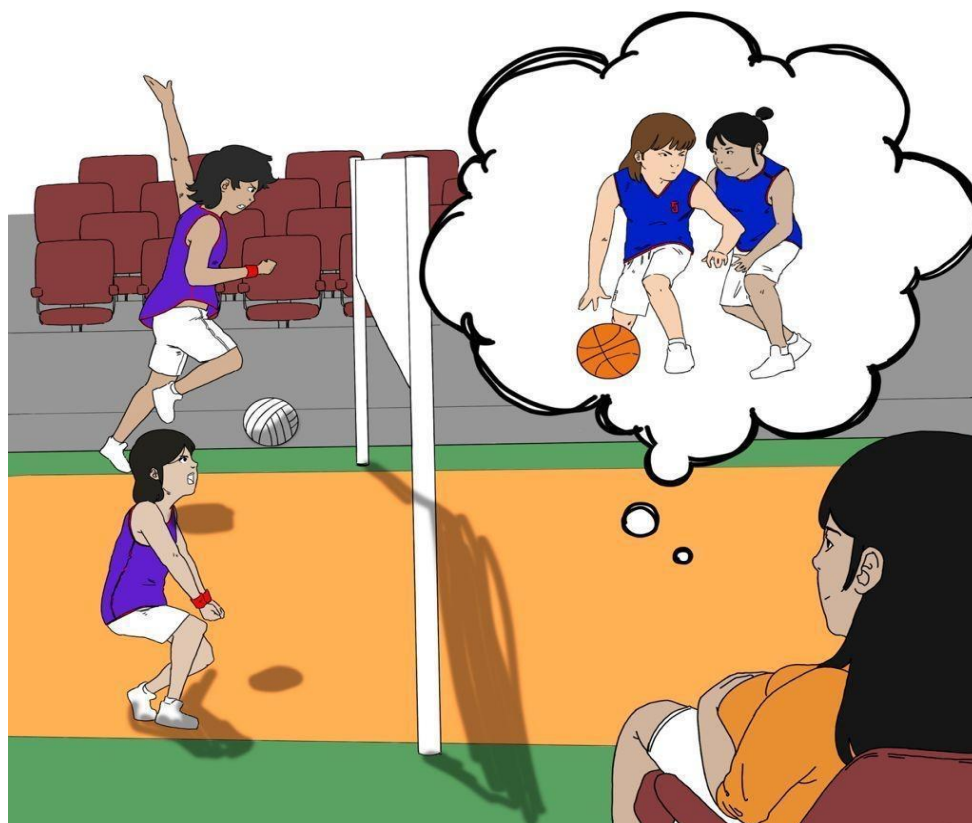
Na estrada, dependíamos da boa vontade dos caminhoneiros. Não tínhamos escolhas. Às vezes eram caminhões lotados de frutas, e, depois de algumas horas de viagem, as misturas dos aromas perfumados das frutas, que normalmente nos fazem salivar, me causavam náuseas. A cada trecho, mais um tempo de espera por um caminhoneiro abençoado e piedoso que nos abrigasse em meio à sua carga. Também me recordo do caminhão de refrigerante, em meio a tantas garrafas frias e duras, a bebida que eu

sonhava tanto poder experimentar um dia, agora tão perto e distante ao mesmo tempo. Por fim, chegamos ao destino, ao país que seria minha nova pátria. O sabor, o tempero daquele primeiro salgado frio e seco que meu tio - nem sempre conseguia chamá-lo de pai - me comprou, marcaram minha chegada a La Paz.

A vida dura só estava começando. Embora eu não tivesse um documento que revelasse minha identidade peruana, nossos traços, nossos sotaques nos denunciavam. Não tínhamos vergonha disso, mas, infelizmente, ali não éramos bem-vistos, naquela terra ladrão e peruano eram sinônimos. E como quebrar esse preconceito se não havia uma chance sequer de se provar o contrário? Então sem outras opções, as coisas que precisávamos para nossa casa, que nem ousou chamar de nova, dependiam do que as outras pessoas desprezavam, e assim de latão em latão íamos à procura do pão para sobrevivência.

Contando apenas com a experiência de dona de casa, minha tia, que tinha por volta dos trinta anos, conseguiu um trabalho como empregada em uma casa. Meu tio era pedreiro no Peru, mas agora a má fama dos peruanos não facilitava o encontro de um trabalho digno.

Na Bolívia nossa vida não foi fácil, alguns dias melhores, outros nem tanto. Um dos sonhos que não pude concretizar e que tive que abandonar era o basquete. Ah... aquela bola alaranjada que eu arremessava na cesta era uma das minhas maiores alegrias e realizações, eu amava e ainda hoje sinto falta. Já tentei procurar aqui pelo bairro um local onde pudesse praticar. Mas por aqui não é tão comum, lá na Bolívia era muito popular, eu jogava basquete na escola, eu cresci com basquete.



O dia das mães e dos pais eram sempre muito tristes, eu sentia muito a falta deles. Por volta dos dezoito anos comecei a me despertar para os comentários que ouvia a respeito dos meus pais biológicos, que eles mesmos haviam me abandonado naquele bar, onde fui encontrada por meu “pai”. Ele se casou e a mulher dele faleceu, é uma longa história... nunca soube ao certo qual tipo de relação deveria construir com eles. Eu sempre busquei essa referência, me apegava a alguém e já logo queria chamar de mãe. Assim como uma menina que se perde em um local estranho, olhando de baixo para cima sem conseguir enxergar os rostos, sai desesperada cutucando todas as mulheres que encontra no caminho, chamando mamãe. No entanto, os olhares de estranhamento vão revelando a frustração da busca. O mais perto que consegui chegar foi dos olhares de pena.

Nessa fase, no final da adolescência e começo da juventude, comecei a me dar conta do abandono que vinha sofrendo. Eu não queria acreditar no abandono, ainda perseguia o sonho de conhecer minha mãe. Aquela mulher de longos cabelos negros que imaginava deitada me acariciando a cabeça enquanto contava histórias. Mas conforme eu crescia, ela ia se distanciando de mim, ficando cada vez mais longe. Como se ela caminhasse na direção contrária em que eu estava, às vezes eu a enxergava bem lá no final da estrada, e em um ato desesperador gritava para que ela voltasse. Até minha mãe imaginária aos poucos se vai.

Eu queria, tentava ver a minha “tia” como uma mãe, às vezes até a chamava de mãe, porém não sentia que ela realmente me amava como uma filha. Éramos nove filhos e eu era sempre a culpada por tudo, até mesmo quando era inocente. Ela também nunca me deixou realizar meus sonhos, nem o de jogar basquete. Eu era boa, tão boa que havia recebido uma bolsa de estudos aos treze anos para ir jogar em outra escola em uma outra cidade, mas ela não me permitiu. Depois tinha um sonho de ser confeitadeira, mas ela me obrigou a estudar costura, ah a confeitaria... ainda sonho com uma bela casa de bolos.

Não bastasse toda essa dor, tristeza e sofrimento, a minha busca pela minha mãe também já me causou humilhação. Eu ainda era casada com o pai das minhas filhas, estávamos no quarto, eu e ele, a dor no peito era tanta, que no meu desespero, inocente decidi abrir meu coração... enquanto eu falava e chorava, debochando de mim, ele dizia:

-Você é louca? Como você acha que vai encontrar sua mãe?

O que era pra ser um momento de alívio se tornou um momento de tortura. Me senti pior, e o vazio só aumentou, o buraco foi se tornando infinito. Me fechei ainda mais dentro de mim, não quis nunca mais compartilhar esse sonho com ninguém. Passei a ter vergonha de falar sobre meus pais, e assim os anos foram se passando.

Outro dia estava trabalhando, em casa, com a máquina de costura, e, então, ouço a campainha tocar, sem muita pressa fui até a porta. Quando abro, não podia imaginar... Mamãe? Mesmo sem nunca a ter visto, eu a reconheci. Lá estava ela diante de mim, com os olhos cheios de lágrimas e os braços abertos me esperando para abraçá-la, o nosso tão sonhado reencontro aconteceu. Eu sinto que tenho tanto para lhe falar, mas com palavras não sei dizer, só consigo desfrutar daquele longo e demorado abraço, tentando recompensar os tantos abraços que nunca existiram... e então uma espetada na agulha e lá se vai toda minha loucura.



Volto para a realidade, volta o vazio e choro feito um bebê inconsolável quando sua mãe sai de perto. Só de falar nessa história sinto a dor novamente, somente meu marido e minhas filhas é que sabem disso e de como me sinto. Vou lhe confessar que essa e outras cenas imaginárias do tão sonhado encontro ainda me perseguem, já imaginei diversas vezes esse encontro com meus pais, mas sempre que volto à dura realidade me sinto ainda mais triste, pois sei que não passam de sonhos que sonho acordada.

Muitos já me chamaram de tola, me dizem para esquecê-la, mas não tenho essa capacidade. Mesmo que eu queira não consigo abandonar a vontade de conhecer esta que me pariu. Hoje que sou mãe sei como é o amor materno, e eu sei que ninguém nunca sentiu isso por mim, e eu também, mesmo com todos os esforços, nunca consegui amar uma pessoa com o amor genuíno que uma filha sente por sua mãe. Queria alguém que estivesse lá por mim, como eu estou pelas minhas filhas, quando

predadores tentam atacá-las lá estou eu com garras e dentes para defendê-las, sou capaz de dar minha vida por elas.

Nunca pude sequer abraçar meus pais. E já tentei imaginar: como seria o olhar de minha mãe? O cheiro deles? Qual a cor dos seus olhos? Como seria o toque de suas mãos? Será que me pareço mais com minha mãe ou com meu pai? Será que tenho outros irmãos?

Portas fechadas...

Meu nome é Glória, tenho trinta e quatro anos e tenho muitas histórias para lhe contar. Fique mais um pouco, pegue uma xícara de chá, sente-se e ouça, pois há muito tempo não sou escutada. Ao contrário, sempre fui criticada, e as palavras que chegam ao meu ouvido a meu respeito me ferem. Já ouvi que sou feia e gorda e que ninguém ia me querer. Posso ser gorda e não ser tão bela assim, mas sempre fui carinhosa. Gosto de abraçar, acariciar, de demonstrar carinho, e tento me equilibrar com as boas coisas que tenho dentro de mim. No entanto as coisas ruins que já ouvi pesam mais na balança.

Tenho três filhos. Duas meninas - uma de quatorze, uma de onze – elas, diferentemente de mim, têm a nacionalidade coerente com o local onde nasceram, são bolivianas, filhas de pai boliviano. Um homem que me causou muita dor, desrespeito era o seu sobrenome. Foi meu primeiro namorado, eu era muito jovem. Não entendia de amor, afinal de contas fui mal-amada. Me entreguei a ele sem pensar, de forma ingênua, na carência desesperadora, tentando preencher aquele enorme vazio que ocupava meu coração.

Só um minuto, preciso retomar o ar para poder continuar... me desculpe, foram muitos anos engolindo o choro, e agora que tenho você para me escutar, as lágrimas me escapam no olhar.

No lugar de um coração preenchido, recebi um coração partido. Esperava escuta e compreensão, mas tudo o que recebi foram desprezo e rejeição. E como flores, eu nunca recebia, decidi que seria melhor que elas viessem ao meu encontro no túmulo... mas dentro de mim, sem saber, pulsava mais forte que a morte uma vida mais valiosa e preciosa, minha Esmeralda.

Talvez essa fosse minha oportunidade de dar e receber amor, de construir essa tão sonhada família. Pois até então foram tentativas. Não era rejeitada só pelo homem a quem havia me entregado, sua mãe e suas irmãs me maltratavam também. Eu comprava comida, e, mesmo sendo pouca, eu queria dividir com eles. Nunca me valorizaram, morávamos na mesma casa, e eu era caluniada o tempo todo.

Me lembro de uma cena: Eu saí para resolver umas coisas na rua e quando voltei, a porta estava trancada, eu bati.

- Olá, sou eu, alguém poderia abrir a porta por favor?

Silêncio, ninguém me respondia, mas eu podia ouvir os barulhos de dentro da casa. Bati na porta novamente.

- Sou eu, Glória, alguém poderia abrir? Está frio aqui fora, estou sem as chaves.

Depois de alguns minutos parada diante da porta, minha sogra se levantou e abriu a porta. Infelizmente essa cena se repetiu muitas vezes. Era muito humilhante.

Mas essa humilhação toda era nada, comparada ao horror vivido por minha filha Esmeralda, quando tinha por volta dos seis anos. Nem consigo acreditar que o próprio tio dela, meu então cunhado, pudesse cometer tal violência. Marcas que mancharam a infância e a vida da minha joia.

Cansada de tantos sonhos frustrados e de tanta humilhação vivida até então, juntei minhas forças à minha coragem. Vendi as máquinas de costura, deixei de ter algumas refeições. Tudo para poder pagar advogado e conseguir os documentos e as autorizações necessárias para sair do país com as minhas filhas. Consegui os papéis que precisava, consegui comprar as passagens de ônibus, e só então avisei minha tia, que mais uma vez não me deu nenhum apoio, ainda me chamou de louca. Avisei também o pai das minhas filhas que me disse que teria me ajudado se eu tivesse pedido ajuda. Eu realmente nunca quis ajuda dele, depois de todo sofrimento que ele e sua família me causaram. Falei para Esmeralda:

- Filha, vamos embora desse lugar, vamos tentar uma nova vida. Ela sempre me pedia para sairmos daquela casa que tinha tantas portas, portas que fechavam e lhe causavam sofrimento. Sim, agora nós estávamos fechando aquela porta para sempre, e partimos em busca de novas portas que se abriam para nós. Mas as dificuldades estavam longe de terminar...



Portas abertas

Meu Deus, não aguento mais... já estamos na fronteira há três dias tentando atravessar, mas não consigo. A barriga ronca, olho para minhas filhas, estão cansadas e com fome também. Começo a pensar se essa teria sido uma boa decisão. Consigo fazer uma ligação do meu celular para minha tia, ela me manda voltar atrás. Mesmo muito fraca, desligo a ligação e usando minhas últimas reservas enquanto meu corpo se entrega ao cansaço eu me entrego ao Senhor em uma oração, peço seu socorro. Eu não podia voltar atrás, agora era uma questão de honra, não dava mais para voltar atrás àquela vida que eu queria renunciar. Aquela prece me deu energia suficiente para levantar do chão e pedir ajuda. Consegui vender meu celular e, com o dinheiro, consegui um pouco de comida e paguei um táxi, por fim atravessamos a fronteira em direção ao Brasil. Assim que chegamos a Corumbá, liguei para minha tia - eu tinha dois celulares, só havia vendido um - consegui avisá-la e, assim, com o fim da bateria do celular, também o fim da vida que deixamos para trás, quase não nos despedimos direito.

Recomeço doloroso

Aqui no Brasil conheci o Ronaldo, ele também é peruano. Ele conquistou minhas filhas com o churrasco, sabe cozinhar muito bem. Eu cozinava,

fazia tudo com muito amor, mas ele não gostava muito. Me sentia muito mal, rejeitada, então nunca mais quis cozinhar. Ele me perguntou um dia:

- Glória, por que você não quer mais cozinhar?
- Porque você rejeitou minha comida, falei com a cabeça baixa.
- Me desculpe, não queria te deixar assim.

No sábado, eu fiz um prato que minha "mãe" fazia, uma comida boliviana: frango assado, salada de cebola com tomate e arroz.

No começo da nossa relação, a gente não se conhecia direito. Ele me bateu. Eu ainda não tinha filhos com ele, porém me agrediu na frente das minhas filhas. Uma vez puxou meus cabelos, outra vez puxou e me bateu pela terceira vez...

- Me larga!! Solta meu cabelo!!!
- Para! Solta minha mãe.
- Vem pra cá, Ellena, se não ele bate na gente também.
- Você é louca? Para de me bater com essa vassoura.
- Cansei, não aguento mais! Vou embora. Vamos meninas, peguem suas coisas.
- Glória, me desculpe, não vá embora !
- Chega Ronaldo, não dá mais! Se você não me respeita, não posso ser sua mulher.

Assim, peguei minhas filhas e fui embora com elas de volta para a Bolívia.

Segunda chance...

Falei que não voltaria para o Ronaldo, mas acabei voltando. As coisas na Bolívia estavam ainda mais difíceis. Mesmo ele sendo agressivo e violento, aqui no Brasil com ele era mais cômodo para mim. Eu tinha meu trabalho e podia cuidar melhor das minhas filhas. Mas ainda tenho um pouco de medo dele. Ele é muito nervoso, quando fica bravo perde o controle e grita muito. Eu não o deixo encostar nas minhas filhas, não o deixo bater nelas. Um dia, minha filha caçula, Ellena, estava brincando e de repente se levanta vai até ele e lhe dá um soco na boca:

- Você teve culpa. Isso é porque você bateu na minha mãe.

Dava para ver o sangue escorrendo. Eu fiquei sem palavras. Ele, com aquela cara de assustado, não revidou nem argumentou... se virou, me abraçou e pediu desculpas. Em seguida, Ellena o abraçou também e disse:

- Não é mais para machucar minha mãe.

Depois disso, ele nunca mais levantou a mão para mim e nem para elas.

Ele também não teve uma infância bonita, teve que aprender a cuidar dos seus irmãozinhos quando ainda era pequeno, foi sofrido. A mãe dele abandonou a família, os irmãos ficaram muito mal, deprimidos. Por causa disso, Ronaldo não pôde continuar os estudos, finalizou a escola, mas não conseguiu dar continuidade mesmo querendo muito. Por isso ele é tão preocupado em dar estudos para nossos filhos.

Tenho o Vicente que é filho dele, e este bebê que está para nascer, as minhas filhas não são filhas dele. Mas já tivemos um outro que está no céu.

O pequeno Joaquim, teria agora cinco anos. Eu o amava muito. Como eu já tinha duas filhas, sonhava em ter um menino e quando descobri que teria o Joaquim, senti muita alegria, ele era tudo para mim. Eu havia sonhado que teria um menino. O carinho, o afeto que sentia por ele era muito grande. Porém ele faleceu quando tinha apenas nove meses, foi muito difícil aceitar essa perda. Nos primeiros meses eu sofri muito, e ia sempre visitá-lo, levava flores e ficava horas chorando aos pés daquele túmulo frio. Eu não queria sair de lá, queria dormir ali, nem fome eu sentia. Meu coração estava partido, um pedaço de mim havia sido arrancado, era uma dor inexplicável. Depois disso eu não estava esperando ter mais filhos.

Mesmo sem querer, engravidei do Vicente, eu não aceitava. Era como se estivesse deixando de lado a existência do Joaquim, como se eu quisesse colocar outro bebê no lugar dele. Foi muito difícil aceitar essa outra gestação. Sentia dores por todo o corpo, às vezes nem conseguia caminhar. Minha cabeça doía, eu nem sei explicar, mas parecia que estava enlouquecendo. Estava tão mal que resolvi ir ao médico. Me encaminharam para fazer um ultrassom na maternidade pois suspeitaram que o bebê não estivesse no local certo, eu poderia estar em um processo de aborto. Eu já estava com quatro meses de gestação. Fizeram ultrassom e a médica disse:

- Não tem nada de errado com você.

- O bebê está bem, doutora?

- Sim, está tudo bem. Com ele e com você também.

Assim saí do hospital e falei com uma amiga minha. Ela me disse que tudo aquilo era psicológico, que as dores eram da minha cabeça. Decidi então que tinha que mudar aquela situação. Me olhei no espelho, olhei para a minha barriga e falei para mim mesma:

- Não pode ser. Não posso mais sentir essas coisas. Daqui para frente eu vou começar uma nova etapa, vou deixar o bebê Joaquim dormir tranquilo. Vá em paz, meu pequeno, pode descansar.

E falei para minha barriga:

- Vamos começar uma nova etapa, temos uma nova vida para acolher, este bebê precisa de mim, vamos prosseguir, deixar essas dores para trás e continuar.

Então precisava dizer um último adeus ao pequeno Joaquim. Fui até o cemitério, com algumas flores em mãos, conversei um pouco com ele e parti rumo à nova vida.

E aos poucos consegui colocar todo aquele amor que sentia pelo Joaquim no bebê Vicente. Toda aquela energia amorosa foi direcionada para o outro menino que a vida me presenteava.

Ele hoje tem dois anos e três meses e ainda é assim, é tudo pra mim. E quando eu brigo com ele, eu acabo me sentindo mal e fico chorando depois. Eu também não deixo o pai brigar muito com ele, porque o Ronaldo é nervoso e briga muito forte.

As meninas também me ajudam a cuidar do Vicente. Ellena toda animada interrompe:

- Quando a mamãe trabalha a gente cuida dele, a gente dá banho, a gente alterna... às vezes eu, minha irmã e meu pai.

Outro dia, eu estava tão animada, me arrumei, até cancelei os compromissos que tinha naquele dia, pois era muito importante para mim poder estar presente na apresentação do meu pequeno Vicente na creche. Como nunca tive isso na minha infância, faço questão de estar lá, presente. Fiquei triste porque vi que só estávamos em três mães em uma turma de quinze crianças. Mas imagino que nem todas as mães possam estar presentes mesmo que queiram.

Uma nova família...

Na verdade, Ronaldo não é o pai biológico das minhas filhas, mas elas o chamam de pai. Carlos, o pai biológico, não fala mais com elas. Eu já disse para ele se comunicar com elas, manter o contato. Mas ele já tem outra família, e decidiu se afastar, elas sentem a falta dele. Mandam mensagens que nunca são respondidas e ficam frustradas e tristes. Mesmo nos aniversários delas, elas enviam mensagens para lembrá-lo. Nem assim ele responde, fico triste com isso. A Ellena é parecida com as tias dela e com a avó, a mãe do Carlos. Até no comportamento ela se parece com elas, eu sei porque convivi um bom tempo com elas, sim, ela puxou a família do pai.

Graças a Deus, meus filhos estão bem adaptados ao Brasil. Outro dia estava passando um jogo de futebol na televisão, Brasil contra o Peru, e o pequeno Vicente pegou uma bandeirinha do Brasil e pediu para eu tirar uma foto dele, e ele gritava:

-Vai Brasil, vai Brasil !

Eu me surpreendi... fiquei pensativa, mas feliz. E quando alguém dizia - vai Peru! -, ele respondia: vai perder.

Ellena também gosta de esportes, joga futebol, vôlei, queimada, gosta de pular corda e brincar de esconde-esconde. Eu e o Ronaldo temos um sonho que elas consigam estudar e alcançar os sonhos delas já que eu e ele nunca conseguimos. Eu até queria comprar uma bola de basquete para jogar com as minhas filhas, mas ainda não foi possível.

As meninas se lembram de algumas coisas do tempo que ficamos na Bolívia. Ellena era muito pequena, tinha só três anos e não frequentava a escola lá, mas se lembra de como era frio e também do calor no verão. Em La Paz faz sol e vento ao mesmo tempo. Às vezes a gente sai toda embrulhada parecendo uma urso, depois começa a esquentar e sai tirando tudo. Os parques, a natureza, as feiras também são algumas lembranças que elas têm.

Uns dias atrás, levei um susto com meu filho Vicente. Ele teve que ser internado e até fizeram biópsia, não sabiam ao certo o que ele tinha. Primeiro falaram que era alguma alergia da roupa, depois que era de animais, depois falaram que era alergia ao calor. O corpo dele estava todo cheio de manchinhas avermelhadas da cabeça aos pés. Fiquei bem preocupada, foi uma correria danada. Como não melhorava, teve até que tomar remédios. Agora já está melhorando.

Eu gostaria muito de um dia voltar ao Peru com a minha família. Lá tem os irmãos da minha tia, queria levar meus filhos para conhecê-los, e poder rever tanta gente. Nem sei se as pessoas de lá ainda se lembram de mim, pois eu era muito pequena quando saí. Mas tenho essa vontade de rever os

primos e primas... isso é um outro sonho que tenho, mas agora com essa família grande que temos, é muito difícil pagar a passagem para seis pessoas.

Isso mesmo, seremos seis... você já deve ter notado que estou grávida novamente. Eu falei para o meu marido se cuidar, porque eu não estava tomando remédios. Não dá para ficar grávida uma vez ao ano, não dá! Os sentimentos desta vez vieram todos misturados. Às vezes me sinto feliz, outras vezes me sinto triste, nem sei explicar.

Estou com vinte e duas semanas, aqui o pré-natal é melhor. Lá na Bolívia, quando fiquei grávida das minhas filhas, não tive oportunidade de fazer ultrassom. Aqui já fiz e descobri que terei mais um menino. É melhor assim quando a gente já sabe, porque aí já sabemos que tipo de roupas comprar, já podemos escolher o nome... ele se chamará Cristiano.

Eu estou me sentindo diferente nesta gestação, acho que é pela idade. Na gravidez das meninas eu caminhava, ia às lojas, fazia compras. Mas agora, Nossa Senhora!!! Meu corpo fica muito cansado! Vou ao médico em julho, na próxima consulta. Ainda bem que melhorei dos sintomas do problema de infecção urinária. Foi muito ruim e demoraram para fazer o diagnóstico. Para mim, essa doença é uma vergonha. Por fim tive que tomar remédios. Tenho me sentido um pouco enjoada, ontem até vomitei, mas acho que é por causa dos remédios, pois antes eu não estava me sentindo assim. Às vezes eu fico tão mal que preciso me deitar, mesmo sem conseguir dormir, mas aí parece que me incomoda mais ainda ficar deitada, é muito estranho.

Eu já conversei com o Cristiano. Quando eu vou dormir, ele se mexe. Falo muito com ele. Também falo com ele quando estou trabalhando. Meu marido olha e me pergunta:

- Glória você está falando com quem?

- Estou falando com o bebê.

Meu marido é um pouco tímido, mas já fico feliz quando ele beija minha barriga dando carinho para o bebê. Quando o Cris começa a se mexer, o meu marido fica brincando, colocando a mão na minha barriga. Isso é muito especial para mim.

Estamos felizes, mas já discutimos muito. Esse mês tivemos uma discussão forte, fazia tempo que isso não acontecia, foi por conta da minha cunhada que estava morando com a gente.

Eu tento ser forte, mas já fui muito humilhada. Me lembro de uma situação que ocorreu uns cinco anos atrás.

Um domingo ensolarado, estávamos num almoço entre “amigos”, as pessoas se agrupavam e conversavam sobre vários assuntos. As crianças corriam pelo quintal. Eu estava conversando com os amigos do meu marido, quando ele se aproximou de mim, me interrompendo, e sem qualquer respeito me perguntou:

- Por que não me disse que estava com Aids?

Eu sem entender do que se tratava, perguntei:

- Quem te falou isso? De onde você tirou essa ideia?

Mas ele ignorou minha pergunta. Eu fiquei nervosa e queria ir até o fulano que falou tal coisa. Cansei de ficarem me caluniando.

O grande dia ...

Meus filhos todos nasceram de parto normal, mas agora o Cristiano se acomodou, sentou e não quis virar. Por causa disso me falaram que eu tinha que fazer uma cesárea. Fiquei com muito medo e com muitas dúvidas. Ainda bem que recebi muitas visitas de profissionais da saúde que me ajudaram com as dúvidas. Eu nem acreditava que uma delas falava meu idioma, uma professora de universidade que é peruana!!!

Era sábado, fiz minhas atividades normais, participei com meus filhos de algumas atividades na escola, depois fomos almoçar. Minha irmã disse para eu aproveitar e comer bastante porque na segunda-feira eu seria internada para fazer a cesárea. Fomos andando para casa, meu filho mais novo não queria caminhar, fui quase o puxando. Cheguei em casa bem cansada.

- Ronaldo, estou com dores, e eu sei muito bem que são as contrações de parto.

- Não dá pra aguentar até terça-feira que a cesárea está agendada?

- Claro que não! Preciso ir para o hospital hoje mesmo!

Ronaldo colocou o Vicente para dormir, avisamos as meninas e uma vizinha e fomos. Chegando lá, fui examinada e realmente já estava em trabalho de parto, mas nada do Cristiano virar. Mesmo não querendo, fui para a cirurgia. Mesmo não querendo, fui para aquele hospital. Tudo porque Cristiano não virou.

Como eu temia, foi horrível. Eu nunca tinha feito qualquer tipo de cirurgia antes. A anestesia foi ruim, me senti muito mal, queria vomitar, o médico dizia que eu não podia vomitar. Depois da cesárea tive muitas dores de cabeça também. Acabei ficando uma semana no hospital, me senti uma

doente, uma inútil. Depois de tudo isso, em casa não podia fazer nada, e ainda tive infecção nos pontos...nem quero me lembrar, um pesadelo. Nem se compara com o parto normal, que eu saía do hospital, chegava em casa fazendo tudo!

Não dou conta de tudo...

A família aumentou e as demandas aumentaram também. Eu trabalho muito tempo sentada, então às vezes ainda sinto muitas dores. Eu acordo cedo, Depois que o Vicente vai para a escola, eu cuido do bebê, corto unha, dou mamá, faço massagem. Eu fico vigiando o bebê o tempo todo, porque o Joaquim morreu assim, dormindo, aos nove meses, depois que teve uma pneumonia. Muito triste! Eu sempre lembro dele com um sorriso, minhas filhas também disseram que ele estava bem, sorrindo. Nunca pensei que fosse acontecer isso.



Por isso às vezes fico triste, não consigo dar a atenção que meus filhos precisam. Cada um tem uma idade e uma necessidade diferente. E o marido, também. Sem contar os serviços da casa, claro. Às vezes trabalho

na máquina até tarde da noite, enquanto todos estão dormindo, até meia noite, ou uma hora da manhã, até dar sono.

Eu e meu marido somos parceiros, trabalhamos na costura juntos, somos só nós dois. Então quando tem um prazo, temos que trabalhar juntos para dar conta. Ele também me ajuda em casa, mas com as crianças não tem muita paciência, é muito nervoso. Minhas filhas também já têm suas responsabilidades e me ajudam com os meninos pequenos e com as tarefas domésticas. Ellena leva mais jeito com o bebê Cristiano e Esmeralda com o Vicente. Tem coisas que elas não gostam de fazer. Mesmo assim, explico que precisam me ajudar e também aprender a se cuidarem porque não estarei para sempre com elas.

O futuro...

Muitas portas já se fecharam para mim. Mas agora me sinto bem. Estando aqui, tendo essa oportunidade de conversar sobre o meu passado.

Eu sei que preciso muito de ajuda, nem sei se é apropriado o que vou dizer, mas gostaria muito de encontrar a mim mesma. Quem eu sou? Qual o meu valor? Tenho que trabalhar os sentimentos ruins que tenho em relação às coisas que já ouvi a meu respeito. Quero superar. Ter uma experiência bonita e deixar o passado como parte da história de um aprendizado, como uma ferida que já cicatrizou e que já não dói mais. Quero ser mais forte do que os ventos que sopram contra mim. A vida continua, tenho meus filhos e por eles eu me levanto. Junto minhas forças, vou à luta.

Me sinto segura de que sou uma boa mãe, mesmo não tendo uma boa referência, meus filhos me inspiram.

Obrigada por me escutar, essa escuta me fez bem, consegui me enxergar com compaixão. Aos poucos estou conseguindo ver alguma beleza no que vivi, os lugares que conheci, as experiências... essa conversa me fez bem, estou começando a ver as possibilidades na minha vida e a perceber o que ainda preciso melhorar. Esse tempo que você pausou sua história para ouvir a minha é uma oportunidade única para mim e para você, um lugar lindo de encontro.

Não sei se ainda vou encontrar a minha mãe. Talvez, a mãe, que eu sempre quis conhecer, nasceu dentro de mim.

O casulo da maternidade – Mercedes

Jadson Marques Dantas

Dora Mariela Salcedo Barrientos

Nathalya Tavares dos Santos

Pega de surpresa

Acordo como alguém que está em um brinquedo de parque no qual o único objetivo é te sacudir e deixar enjoada. Minha cabeça dói, na minha boca um gosto azedo. O único pensamento que tenho: isso de novo?

Procuro meu celular na pequena mesa de cabeceira. Ao encontrá-lo tento ligar a tela, porém de nada serve. A luz forte parece um farol pronto a me cegar. No mesmo instante sinto a primeira ânsia do dia, normal! Isso era o que eu vinha repetindo para mim mesma nos últimos cinco dias. A diferença é que hoje tomarei uma decisão.

Levanto-me, tropeçando ainda pelo quarto, e me direciono ao banheiro. Essa situação está virando rotina, todo dia o mal-estar é o primeiro a me dar bom dia. Dentro de mim existe uma esperança de ser apenas uma virose ou algo que comi e não caiu muito bem. Infelizmente, os sintomas somados ao atraso menstrual de mais de um mês fazem as minhas esperanças aos poucos irem murchando. Parece uma flor cortada de um jardim que, mesmo com toda a atenção e cuidado, um dia começa a secar e perder as suas pétalas. Aos poucos, as cores vibrantes e o cheiro doce dão lugar a uma cor desbotada e o odor já não é de algo doce. O meu sentimento é de que estou me autossabotando. Não quero ver o que está ficando cada vez mais claro. Mas, como já disse, hoje tomarei uma decisão.

Minha mãe parece estar desconfiada e cada vez mais é difícil de esconder. Ontem quase vomitei na frente dela, tudo porque senti o cheiro do chá na cozinha. Na verdade, pela casa inteira. O estranho é que aquele chá sempre foi o meu favorito.

Esta semana meu namorado, Carlos, está trabalhando bastante e quase não o vi. Temos conversado muito todas as noites, mas nada de tocar no assunto... Aquele assunto, de fato, não quero nem pensar na possibilidade

de ter essa conversa com ele. Não agora e nem dessa maneira. Independentemente da minha decisão, hoje à noite ele vem aqui em casa.

De dentro do banheiro escuto o barulho na cozinha. Minha mãe deve estar preparando o café da manhã. Agora, mais desperta, consigo olhar o horário no celular, seis e trinta da manhã. Não acordo assim tão cedo desde o meu último emprego. Escovo meus dentes e lavo meu rosto.

Não quero parecer mal-agraçada com as coisas que minha mãe faz por mim, mas hoje não quero tomar café. Sinto que nada vai parar no meu estômago.

Arrumo minha bolsa e visto a roupa bem depressa para ir ao posto de saúde próximo de casa. Tive que falar para ela que marquei alguns exames para saber como ia a saúde e precisava estar em jejum. Não poderia falar da minha preocupação. Penso que não ajudaria em muita coisa.

Quero colo, mamãe

Sou uma das primeiras a chegar no posto de saúde. Não sei o que dizer para a recepcionista. As palavras saem da minha boca como uma bexiga que estava prestes a estourar, mas que agora é desinflada.

- Bom dia, vim fazer um teste de gravidez.

Sinto meus olhos lacrimejarem, antes mesmo de receber a resposta da recepcionista. Fico pensando se ela percebeu que estou nervosa. Não quero que ninguém sinta pena de mim.

- Bom dia, oferecemos o teste rápido. Você pode realizar aqui mesmo ou em sua residência. Caso positivo, você já poderá iniciar o pré-natal.

Aquelas palavras me atravessam como lâminas. Não quero iniciar coisa nenhuma. Somente desejo tirar essa dúvida da minha cabeça.

Pego o teste, agradeço e sigo para a minha casa. Chegando, corro direto para o banheiro. Preciso saber, não aguento mais um segundo de dúvida. Faço todo o procedimento que se pede na bula. Como se não bastasse toda a ansiedade, ainda preciso esperar cinco minutos para ter o resultado. Sinceramente parecem ser os cinco minutos mais angustiantes de toda minha vida. Tento pensar em outras coisas para ocupar minha mente enquanto aguardo. Falho miseravelmente. Afinal, só penso nisso.

Ouçõ batidas na porta que seguem com a voz da minha mãe pedindo para eu abrir. Não consigo segurar o choro. É como se eu voltasse aos meus

cinco anos de idade. Quando qualquer coisa se resolvia com o colo de dona Antônia, minha mãe.

Abro a porta e para o meu espanto ela também está chorando. Como se em todo este tempo já soubesse de tudo. Nos abraçamos e em silêncio volto para o teste que marcava duas fitinhas de cor vermelha. Repouso nos braços de minha mãe. Vejo aos poucos os sonhos de menina serem atropelados por algo que eu não esperava e nem desejava. Estou grávida.



Devaneios

O relógio marca oito e meia, a noite está linda lá fora. Se fosse em outras circunstâncias, eu poderia estar saindo para me divertir com alguns amigos agora. Acredito que isso não será mais possível. Não com essa gravidez.

Carlos já deveria ter chegado. A cada segundo que passa, olho pela janela da cozinha. Pelos vidros embaçados se pode ter uma vista da frente de

casa, da rua, dos carros estacionados... um bairro agitado de dia, mas tranquilo à noite.

Essa vista da janela me faz lembrar do meu antigo bairro. Zona central de Lima, onde eu cresci. Nunca pensei que pudesse sentir falta do Peru. É em momentos como este que percebo o sentimento maior do que eu mesma.

Essa reflexão de agora me faz lembrar de tudo o que passei até chegar aqui. Um misto de sentimentos toma conta do meu peito. Talvez eu não devesse ter parado de estudar ou deveria ter feito escolhas diferentes. A verdade é que nada vai mudar, o que foi feito está feito.

Minha mãe na cozinha mexe a panela de sopa, enquanto cantarola alguma canção. A comida sempre me fez lembrar da infância, principalmente a comida dela. O cheiro dessa vez é de algo que me apraz. Reconheço de longe o cheiro de uma sopa *criolla* peruana, minha favorita. Minha mãe gosta de me agradar. Talvez seja a forma que ela encontrou para me acolher neste momento. Ela sabe que eu não gosto de ter esses tipos de conversas sérias, sempre fui muito fechada. Então sim, a sopa é a nossa ponte de afeto neste momento.

Sempre foi assim. Quando cheguei no Brasil em 2011, não falava nada de português. Ao contrário do que eu imaginava, os dois idiomas são bem diferentes. A única pessoa com quem eu conversava era minha mãe, que sempre cozinhava para mim. Ela já vivia aqui há algum tempo e eu só estava de passagem. Pelo menos era o que eu imaginava.

Nunca foi da minha vontade construir uma vida no Brasil. Nessa época ainda existia muita burocracia com a permanência de imigrantes aqui. Algo relacionado ao Mercosul que exigia muita documentação. A única forma de viver legalmente por aqui era se casando e tendo filhos ou recebendo uma anistia. Mesmo assim, poucas pessoas tinham uma.

Então sem carteira de trabalho ou qualquer outro documento, poucas oportunidades me restavam. Fui trabalhar no Brás, bairro de São Paulo, onde na época funcionava a "feirinha da madrugada". Era um centro comercial que acontecia na rua mesmo. Lá trabalhavam muitas pessoas de fora, peruanas, bolivianas, haitianas, coreanas e chinesas. Foi muito interessante porque pude conhecer muitas pessoas e aprender um pouco do português.

Depois trabalhei em muitas outras coisas para ter uma renda financeira. Fui admitida como atendente em um escritório. Tudo porque necessitavam de alguém que falasse espanhol. Nessa mesma época foram melhorando algumas questões burocráticas de permanência no Brasil. Então pude tirar minha documentação e começar a trabalhar legalmente.

Eu não percebia, mas aos poucos ia criando raízes em solo brasileiro.

Meu primeiro trabalho com carteira registrada foi em um shopping. Mais especificamente em uma praça de alimentação. Precisei sair pouco tempo depois, pois não era algo que me agradava muito, além de ser cansativo demais.

Me recomendaram um escritório de advocacia. Essa oportunidade me permitiu desenvolver algumas habilidades que aprendi na universidade. Isso porque estudei relações internacionais em Lima. Parei com o curso antes de vir visitar minha mãe, por questões financeiras.

Depois deste trabalho no escritório de advocacia, fui trabalhar de freelancer com vendas de peças para automóveis. Porém, sem registro na carteira de trabalho, acabei passando por situações nada agradáveis.

Na empresa que eu estava, a relação do chefe com os funcionários não era nada legal. Tive de enfrentar muitas humilhações e presenciei muitos insultos dele com seus subordinados. Lembro-me de quando resolvi dar um basta naquela situação abusiva que vivia no trabalho.

Tudo começou numa tarde de terça-feira. O ponteiro do relógio marcava duas e trinta da tarde. Por mais que lá fora o dia parecesse quente e ensolarado, o ar-condicionado tornava o ambiente dentro da sala de trabalho frio e solitário. Mesmo sendo dividida com mais seis pessoas.

O horário no relógio lembrava-me que ainda não havia comido nada. Nem tomar o café da manhã eu pude. Saí muito atrasada de casa já temendo uma bronca ou algum insulto. Minha barriga roncava e dentro dela parecia que um abismo se formava.

Enquanto preenchia os papéis e atendia ligações de pedidos, meu único pensamento viajava a quilômetros de distância para a minha terra natal. De forma quase instintiva, imaginava me deliciando com as comidas que comia quando criança no Peru. Era possível sentir o doce, o amargo e todos os outros sabores que um dia experimentei na infância e adolescência.

Naquele mesmo instante um pedido de peças foi solicitado por um dos funcionários. Aquilo já era algo tão rotineiro que não me importei. Nem imaginava o que viria acontecer.

Não via a hora de terminar aquele pedido para fazer um intervalo. Assim poderia ir ao restaurante que fica próximo dali e comprar algo para forrar o estômago.

Então anotei o pedido como sempre e o coloquei junto dos outros, para que ele pudesse ser encaminhado.

Naquela semana, meu chefe estava de viagem. O clima no ambiente de trabalho era mais leve.

Eu sempre odiei a forma que ele tratava a todos. Um dia presenciei uma funcionária chorando escondida no banheiro. Eu não queria me intrometer e perguntar o motivo, mas sabia que era por conta das palavras ácidas e desrespeitosas dele. Posso dizer que o vice-gerente que o substituíra era menos arrogante. Mesmo assim tinha uma mania de perseguir os funcionários para apontar erros.

Eu sempre prezei pela boa convivência com todos, pois aprendi isso com minha mãe. No mesmo lugar, já havia experimentado uma situação na qual não fui bem interpretada. Talvez pelo “portunhol” que ainda falo. O que às vezes dificulta a comunicação. Então era de poucas palavras, um aceno com a cabeça era o bastante.

Quando terminei de encaminhar o pedido, me dei conta que faltava algo. Não disseram o prazo em que o pedido deveria ser entregue. Pensei comigo mesma que talvez não era algo de urgência e que esses detalhes seriam resolvidos por outra pessoa.

Então levantei-me, peguei a bolsa e saí. Olhei para o relógio e este já marcava três da tarde. Sabia que tinha que fazer um intervalo rápido, pois não queria que isso fosse motivo para outra bronca dos meus superiores.

No caminho para o estabelecimento, recordei-me que não havia pego dinheiro suficiente para fazer uma refeição completa. Se usasse o dinheiro todo que tinha na carteira não sobraria nada para pagar a passagem de volta para casa. Como faria para me alimentar? Nesse momento a barriga implorava por alguma comida.

Na rua, o sol estava muito quente. O frio que fazia dentro da sala de trabalho até parecia mais convidativo. Por um segundo pensei em retornar para o serviço sem comer nada.

Foi quando olhei para a minha frente e reconheci um rosto familiar entre aquela multidão de pessoas da cidade de São Paulo. Algo quase que impossível de acontecer. Era dona Cilene, minha vizinha. Até suspirei aliviada, pois poderia pedir ajuda.

Minhas pernas já estavam fracas e a barriga emitia mais barulhos do que os carros que passavam na avenida ao lado.

Dona Cilene, quando me viu, logo veio em minha direção. Com sua voz calma, perguntou:

- Minha filha, está tudo bem? Você está tão pálida!

Minha voz parecia não existir. A boca já estava seca de sede e calor. O máximo que pude fazer foi o sinal de não com a cabeça.

Dona Cilene pegou pelo meu braço e procurou um lugar para sentarmos. Pediu um copo de água para uma mulher que estava em pé assistindo aquela situação. Deveria ser uma atendente de loja, não me recordo muito bem.

Após beber a água, pude então responder.

- A verdade é que estou quase desmaiando de fome. Saí do trabalho agora. Era pra ter ido almoçar mais cedo, mas tinha muitas coisas para serem feitas. Resolvi atrasar um pouco. Agora me dei conta de que não trouxe dinheiro suficiente para pagar o almoço. Será que a senhora poderia me emprestar pelo menos dez reais para comer ali no Bom Prato?

- Claro querida, vim pagar umas contas que estavam atrasadas. Vai sobrar um troco. Pode ficar tranquila que hoje você não vai ficar sem comer.

Jamais vou me esquecer daquele gesto. Senti um calor envolvendo meu coração naquele instante. No olhar de dona Cilene pude ver os cuidados que minha mãe também tem por mim. Foi uma gota de esperança encontrar ajuda em uma cidade como São Paulo.

Então naquele dia eu almocei me sentindo grata pela bondade que ainda existe em algumas pessoas.

Ao retornar para o trabalho, percebi que já havia passado quarenta minutos desde que saí.

Me recordo muito bem de ter tentado entrar de forma sutil, para que ninguém notasse o atraso de dez minutos. Porém, fui notada pelo vice-gerente que logo fez questão de me repreender e lembrar que atrasos como aquele não seriam permitidos.

Passaram-se duas semanas. Lá estava eu sentada, atendendo as ligações e preenchendo as fichas. Quando de repente o chefe adentra pela porta com uma folha na mão. Sua expressão era a de sempre, mau humor. Com a sua voz grave e de extrema arrogância, perguntou para todos gritando:

- Quem foi o inútil, incompetente, incapaz de encaminhar esse pedido sem preencher o prazo de entrega, atrasando tudo????

No mesmo instante reconheci o papel e a caligrafia que estavam preenchidas na folha. Minha boca começou a secar, o estômago a dar um nó, senti o rosto ficando quente e vermelho. Só conseguia pensar que seria demitida. A respiração ficou ofegante e as lágrimas estariam prontas para sair dos olhos se não fosse pelo sentimento de indignação que também compartilhava no peito.

Levantei-me e disse para ele com minha voz embargada que não haviam me informado nenhuma data. Mesmo explicando sabia que nada iria servir de desculpa.

Naquele mesmo instante palavras duras e arrogantes interromperam a minha fala. Fui xingada e humilhada na frente de todos.

O barulho dos telefones tocando, o som das impressoras imprimindo, os olhares dos outros funcionários direcionados para mim. Tudo isso era informação demais para ser processada naquele instante. Então lembro de ouvir a voz de minha mãe. Todo o resto pareceu se calar ao meu entorno. Era como se eu estivesse assistindo aquela cena de fora do meu corpo, e a voz de dona Antônia ecoava dentro da minha cabeça.

“Você é uma garota forte. Nunca permita que alguém tire a sua paz”

Eu ouvi aquela frase quando ainda era muito pequena. Enquanto minha mãe penteava meus cabelos para me levar à escola. Naquele dia, estava muito triste e não queria ir estudar. Chorava de forma inconsolável, pois alguns garotos haviam implicado comigo. Enquanto meus cabelos eram penteados e minhas lágrimas enxugadas, mamãe fazia questão de me encorajar.

Aos poucos, eu era trazida de volta para aquela sala fria e barulhenta do meu trabalho. A figura do chefe apontando dedo na minha cara e com a folha de pedidos na outra mão me incomodava muito. Cada vez mais se tornavam presentes em minha frente. Porém, de alguma forma eu não sentia mais medo. Na verdade, o sentimento era apenas de indignação e pensava comigo mesma: “Como posso estar errada de algo que eu não fiz?” Então comecei a recolher todos os meus pertences que estavam na mesa, sem olhar para o rosto de ninguém. Caminhei até a porta, virei-me e disse para o chefe:

- Não aceito ser tratada como lixo por ninguém! Não quero trabalhar em um ambiente como este. Eu quero receber pelos meus direitos!!!

O silêncio tomou conta de todo o ambiente. O único barulho que se ouvia era o da impressora ainda imprimindo mais fichas de pedidos de peças.

Essa situação me marcou muito. Não desejo que ninguém passe por humilhações como esta. Nunca aceitei este tipo de tratamento de ninguém. A minha paz é o mais importante para mim. Por isso pedi para sair da empresa e eles acertaram o pagamento comigo.

A partir dessa experiência negativa, resolvi que iria fazer um curso para trabalhar de forma autônoma. Não queria ser tratada daquele jeito nunca mais.

Papai, não mintas e nem vá embora!

Estou há muito tempo olhando por essa janela embaçada esperando Carlos aparecer. Minha mãe agora parece inquieta, não está mais cantarolando. De vez em quando percebo olhares discretos dela para mim. O que será que ela está pensando? Talvez se questionando se quero ou não ter o bebê? Ela sempre diz que sou complicada e que se continuar a ser assim, terminarei sozinha. Talvez com medo de eu ser abandonada assim como ela foi pelo meu pai.

Meus pais estão separados há bastante tempo. A separação ocorreu quando eu tinha nove anos de idade. Minha mãe hoje tem cinquenta e dois anos, nascida em Cusco - o portão de entrada para Machu Picchu, que todo brasileiro já ouviu falar. Sempre batalhou muito para me dar uma vida melhor.

Meu pai, por outro lado, sempre contando mentiras e enganando ela. Morou no Brasil por muitos anos depois de ter se separado da minha mãe. Quando cheguei aqui ele já não estava mais. Desde então, não tenho mais contato com ele.

Na época da separação eu não entendia muito bem o que estava acontecendo ao meu redor. Imaginei que meu pai estaria saindo para viajar e logo estaria de volta.

Quando ele regressou contou algumas mentiras para minha mãe. Inventou histórias e isso me magoou muito. Odeio mentiras, não levam a lugar nenhum. Mas, no meu caso, levaram-me a ficar longe da minha mãe.

Tudo isso para ela também ecoou como algo muito forte. Esta fase foi bem difícil para nós duas. Lembro que ela não queria contar para mim o que estava acontecendo.

Como resultado, na escola, eu comecei a ir muito mal. Minhas notas caíram e quase fui reprovada.

Uma criança não deveria se preocupar com essas coisas, mas eu não suportava ver minha mãe naquela situação. Passei a não querer brincar com as outras crianças, não queria comer, nem beber, ou ir para a escola.

Então fui morar com as minhas tias. A ideia partiu da minha mãe. Mudei de escola, antes estudava em um colégio particular. Com o esforço redobrado dela, trabalhando para sustentar nós duas, precisei mudar para um colégio público.

A adaptação não foi nada fácil. Todas as noites eu chorava por ter que mudar minha rotina e amizades. O que mais me doeu foi ter que passar a ver minha mãe apenas aos finais de semana. Era muito triste, sentia sua falta todos os dias. Sempre reconheci que ela fez tudo isso por mim, porque me ama muito, mas nunca consegui verbalizar isso para ela. Nunca agradei.

Quando chegava os fins de semana, ela sempre me dizia para ser forte e esperar mais um pouco. Eu sempre esperei. Às vezes sinto que estou esperando até hoje.

Naquela época, ela chegou a ir atrás do meu pai. Foi quando descobriu que ele tinha uma outra mulher, que inclusive estava grávida. Isso afetou nós duas de uma forma gigantesca.



Com as minhas notas cada vez piores, tive que ir morar com ele em outro distrito de Lima, no litoral. Não gostava da ideia de ele ter outra mulher e outro filho. Porém não tive escolha. Fui para a casa de meu pai porque minha mãe não tinha condições de pagar um colégio particular para mim.

Na época tinha uma amiga que me levou para a igreja evangélica. Particpei de alguns cultos e tudo isso me ajudou muito. Eu estava muito revoltada e tinha muita raiva dentro de mim. Até participei de um retiro espiritual. Sinto que isso ajudou a me sentir mais aliviada, porém nunca pude perdoar tudo o que aconteceu. Também tive ajuda da minha mãe.

Após essas idas e vindas, mudei-me para outras duas cidades com minha mãe.

E então entrei na adolescência. Uma fase muito rebelde para mim. Não me orgulho muito disso. Fiz novos amigos e sempre gostei muito de estudar e de me divertir. Sentava no fundo da sala, mas sempre tinha as melhores notas da turma.

Na minha vida tive outros homens como figura paterna. Meu tio, irmão de meu pai, sempre gostou muito de mim com suas duas filhas. O meu avô, padrasto da minha mãe, praticamente me viu nascer e cuidou de mim. Me

levava para escola, participava das festas de Dia dos Pais, entre outras coisas. Sou muito grata a eles.

Porém, quando adolescente, tive alguns momentos de reaproximação com meu pai. Ele estava com seu filho, Kaio, que tinha aproximadamente quatro anos. Aparentemente havia se separado da ex-mulher também.

Eu não queria vê-los. Esperei tanto tempo pelo carinho de pai e pela sua volta. Em contrapartida, ele demorou tanto que eu já não sei se queria ter contato novamente.

Quando meu pai apareceu com o menino em casa, tentou se aproximar da minha mãe. Eu não suportava ver ele fazendo aquilo, pois no fundo sabia que iria magoá-la novamente. Mas acabaram reatando a relação deles de forma não oficial. Ela chegou a criar o menino por dois anos.

Na época vivíamos em um distrito mais próximo da serra, mas ainda na província de Lima. Para mim não era fácil conviver com uma criança. Sempre fui filha única, nunca precisei dividir nada com ninguém. Mas depois de um tempo percebi que Kaio era tão inocente quanto eu nessa história. Porém nunca apoiei meus pais juntos novamente.

Após esses dois anos, a mãe de Kaio entrou em contato exigindo ver a criança. Como ela morava no Brasil, meu pai teve que levá-lo embora. Para mim foi difícil, mais uma vez eu estava sendo pega de surpresa. Como alguém que eu não me importava e nem fazia questão de participar da minha vida, agora me faria sentir falta?

Após todas essas mudanças, meu pai começou a colocar muita pressão sobre mim. Ele queria que eu entrasse na universidade a todo custo. Porém eu não permitia que ele desempenhasse esse papel paterno na minha vida. Ele não tinha esse direito. Até que comecei a presenciar situações nas quais ele brigava muito com minha mãe. Ele sempre a ofendia e ela sempre acabava chorando. Parecia um filme repetido, cujo roteiro eu já vi mais de uma vez. Ele usava palavras muito fortes para ofendê-la. Me doía muito presenciar aquilo.

Então finalmente eu consegui entrar na faculdade. Minha vontade era de estudar e trabalhar, mas meu pai não aceitava isso. Para ele, o trabalho iria tirar o meu foco dos estudos. Entretanto, o desejo de conquistar a independência financeira era muito maior. Então falei que se ele não quisesse que eu trabalhasse deveria no mínimo dar tudo o que eu necessitasse. Com isso fizemos um trato, no qual eu lhe daria notas e ele as coisas que eu queria.

Após um tempo, percebi atitudes muito machistas da parte dele. Impunha muitas regras e queria controlar os meus horários de saída e chegada em casa. Tivemos muitas brigas, mas ele nunca me bateu.

Depois de um tempo arrumei um quarto que ficava a umas três quadras de onde ele morava. Minha mãe já estava morando no Brasil.

Então começamos a nos ver bem pouco. Me tornei mais responsável e aprendi a cozinhar e cuidar de casa.

As desavenças com ele voltaram depois de um tempo. Eu já não suportava viver com esse controle sobre a minha vida. Um controle que eu não pedi e que ele reivindicou mesmo após abandonar eu e a minha mãe. Para mim, ele não sabia ser pai e nem meu amigo.

Questionava o que eu iria fazer morando sozinha. Já que eu nunca tinha saído da “saia da minha mãe”. Isso me deixava nervosa e revoltada com tudo e todos.

Até que em um belo dia reuni minhas poucas malas e disse que iria vir para o Brasil. Ele tentou me convencer de que a vida no Brasil é muito mais cara do que no Peru. Disse que eu estava sendo idiota. Lembro-me também de ele contar como havia chegado aqui por terra, todo o percurso que fez. Ele queria me desmotivar a todo custo. Mas tudo em vão.

Com o ego ferido decidi viajar. Tive que pegar um ônibus para Cusco. Naquela época não havia voo direto para o Brasil.

Eu tinha de dezoito para dezenove anos. A viagem foi bem longa e tive que ir rezando todo o percurso, pois passei muito mal no ônibus.

Hoje meu pai vive em Rio Branco, no Acre, mas de vez em quando vem para São Paulo. Só sei que não vou contar da gravidez para ele. É... realmente não vou contar! Nem tenho o contato dele.

Minha relação com Carlos é bem diferente. Carlos me respeita. Além do mais, ele já tem um filho. Não sei o que vai dizer quando descobrir que será pai novamente. Isso me aflige muito. Não quero pensar no pior, mas pelo menos não estou sozinha. Tenho minha mãe.

Conheço o meu namorado há muito tempo, porém só iniciamos o namoro quando saí do último emprego. Ele tem um filho de dez anos e é um ótimo pai de família. Ainda estou me adaptando ao meu relacionamento com um brasileiro. Conheço outras peruanas que também vivem em São Paulo. Elas sempre dizem o mesmo que eu já percebi, “brasileiros são muito ciumentos e possessivos”. Eu particularmente não gosto disso. Já deixei bem claro que odeio isso. Não me considero uma pessoa ciumenta,

somente terei ciúmes se eu vir algo que me desrespeite e que julgue como traição. Mesmo assim acho que o sentimento será de decepção, por ter confiado em alguém e sido apunhalada pelas costas. Mas ele tem melhorado essa questão do ciúme, realmente tem se mostrado um homem bom. Não só para mim, mas para minha mãe, para o filho que ele tem e para a mãe dele que vive na mesma casa. Eu observo tudo!

Preciso lhe contar algo...

Falando nele, olha só! Lá vem o Carlos, andando todo jeitoso e animado. Mal sabe o que lhe espera. Como vou dizer para ele? Qual vai ser a reação? Não consigo fazer isso sozinha! Minha mãe está preparando o jantar. Não disse muita coisa depois de saber de tudo, apenas seguiu. Para ela também não deve ser fácil. Não tenho a capacidade de pensar nas responsabilidades que isso vai trazer.

A campainha toca. E agora? Não tenho saída! Falei para ele que tinha algo muito importante para contar. Não sei se estou preparada.

Ando em direção a porta. Minhas pernas tremem e minhas mãos estão suando. Preciso me recompor antes de abri-la. Respiro fundo, conto até três ... e abro.

Carlos me abraça. Sorri desejando boa noite. Esse jeito carismático foi o que me conquistou. Acho que nunca vi ele triste ou chorando. Após me soltar do abraço, foi para a cozinha cumprimentar minha mãe.

- Boa noite, dona Antônia, que cheiro gostoso! Como vai a senhora?

- Vou bem, meu querido! E você? Está feliz com a notícia?

- Qual notícia?

É agora ou nunca! Não posso mais esconder isso dele. Ele merece saber. Então digo com uma voz trêmula, insegura e falha:

- Carlos, estou grávida! Fiz o teste hoje. Por isso queria que você viesse aqui para conversarmos.

- Me-me-rcedes, você tem certeza?

- Sim, já faz algum tempo que estava desconfiada. Hoje com o teste tirei a dúvida.

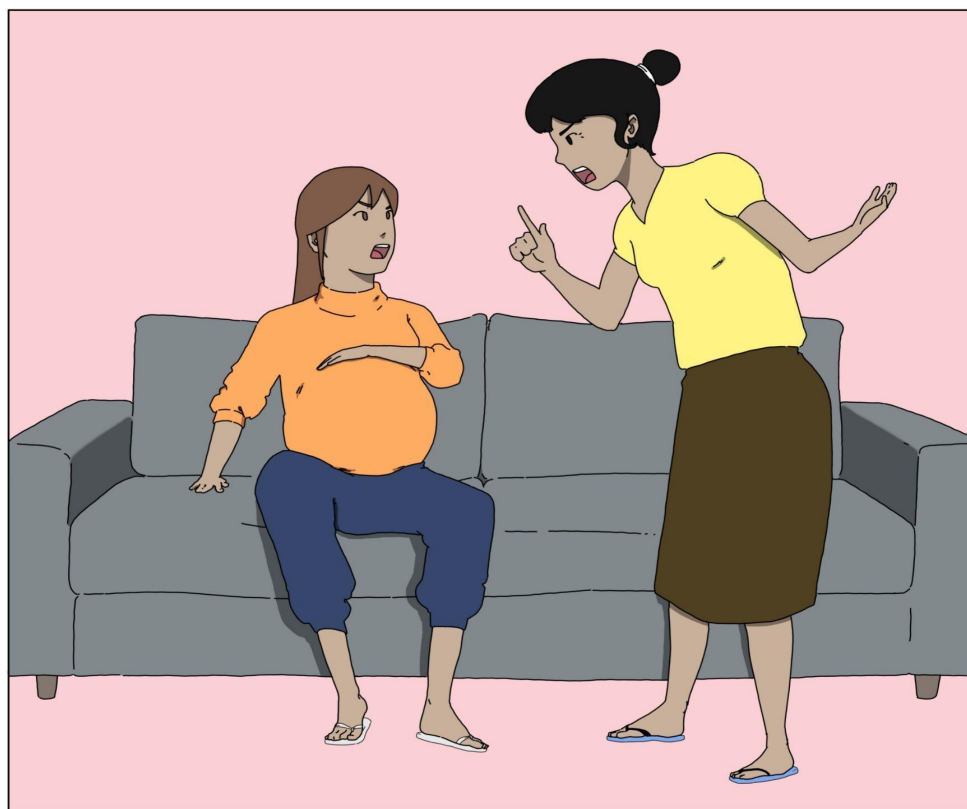
Carlos vem na minha direção e me abraça. Primeira vez que eu o vejo chorando... e o que parece ser de alegria. Não sei o que dizer ou pensar.

Talvez Carlos queria ser pai novamente, mas será que eu quero ser mãe? Estarei abrindo mão de muita coisa para viver a maternidade. E minha mãe me conhece, sabe disso. Ela sempre me achou muito fria em relação aos sentimentos. Deve pensar que não tenho coração.

Muitas pessoas acreditam que as mulheres devem se sentir contentes com a gravidez a todo custo. Entretanto, não sabem que a gravidez não é um momento só de maravilhas. Eu não estou contente da vida. Me sinto impossibilitada de fazer muitas coisas. Meu corpo logo irá se transformar e em muito em breve estarei diferente. Mudanças que irão me marcar para o resto da vida.

Quanto ao sexo do bebê, sei que é algo muito cedo para pensar, mas não quero saber agora. Desejo somente fazer o ultrassom para saber se está tudo bem.

Minha mãe com certeza me acha orgulhosa. Sempre me disse que eu não expresso os meus sentimentos e que dessa forma posso acabar sozinha. Às vezes sinto que ela tem medo de eu acabar como ela. Mas esse medo é dela. Infelizmente não posso fazer nada a respeito. Só posso esperar o nascimento para saber como será a convivência com o bebê.



Por enquanto, não acredito que um dia eu vá cumprir os meus sonhos de estudar e ser bem-sucedida. Agora com essa gravidez, por mais que o bebê cresça e siga o seu caminho, eu jamais serei a mesma pessoa que era antes.

Meses depois...

Sempre gostei de olhar para o céu à noite. Para mim as estrelas têm um fascínio que não sei explicar. O brilho, a imensidão... Ah, tanta beleza. Hoje eu olho para as estrelas coladas no teto do quarto. Aquelas estrelas que colocamos em quarto de criança. Foi ideia do Carlos. Entretanto eu gostei. Elas fazem eu ter o que olhar quando apago as luzes e o sono não vem. Às vezes até vem, mas preciso sacrificá-lo para dar de mamar para Merida.

Ela chora bastante e acorda muitas vezes durante a madrugada.

Acho que amamentar está sendo uma das coisas favoritas para mim, mas também é muito cansativo. Esses dias fiquei parada um tempo, olhando para os olhos de Merida. Tão negros como os de seu pai, mas também tão puros e inocentes. Acho que são os olhos mais bonitos que eu já vi em toda a minha vida! Quando me dei conta, já havia passado horas e eu havia cochilado com a bebê no colo.

Bom, mas nem tudo também são flores. Minha mãe ainda implica muito comigo por conta da minha alimentação. Passo muito tempo com Merida e esqueço de me alimentar. Isso faz com que minha mãe brigue comigo com uma certa frequência. Outro problema é em relação ao choro excessivo da minha filha. Sei que crianças pequenas costumam ter desconfortos e cólicas, aprendi isso ainda na maternidade. Mas Merida chora muito. Não sei o que ela está sentindo de verdade. Qual o nível da dor ou se realmente é cólica? Isso tem me angustiado muito. Me pego às vezes chorando junto com ela. Minha mãe diz que é por conta das coisas que como. E quando como.

Aprendi a fazer massagens para aliviar, mas não é o bastante. Gostaria de poder fazer mais por ela. Mas estou tentando o meu melhor!

Em relação ao acompanhamento que tive durante a gestação pelos profissionais, não tenho muito o que reclamar. Eu estava muito temerosa, pois ouvi de muita gente relatos absurdos sobre como eles nos tratam, pessoas imigrantes. Até mesmo mulheres brasileiras. É muita violência e humilhação.

Eu tinha medo que eles me maltratassem ou maltratassem minha filha. Medo de me cortarem e de costuras. Algumas amigas falaram que eu não poderia gritar quando sentisse dor. Se não, seria maltratada pela equipe. Aguentar tudo calada. Que talvez meu marido ou minha mãe não

pudessem assistir o parto. E então eu estaria sozinha e com medo. Isso me assombrou muito, mas eu procurei não me abater.

Realizei nove consultas de pré-natal. Na oitava, alguns exames mostraram que eu estava desenvolvendo um quadro de pré-eclâmpsia. Não sei muito bem o que significa, mas me falaram que tinha a ver com a minha pressão. Teria que ser acompanhada com mais rigor.

Quando estava com trinta e nove semanas passei mal. Estava com a pressão muito alta. Corri para o hospital mais próximo, porém me aconselharam a não ir lá quando estivesse em trabalho de parto. O motivo era que havia uma bactéria perigosa.

Então voltei para casa e de madrugada minha bolsa rompeu. Eu sabia que era uma emergência. Não pensei duas vezes. Acabei indo ao hospital que falaram para não ir. Mesmo correndo o risco, eu estava mais preocupada que algo saísse do controle com a neném.

Lá me examinaram e disseram que eu precisava fazer uma cesariana pois a bebê estava sentada. Eu já estava me preparando para isso mesmo. Falaram para mim que aqui no Brasil poucas mulheres conseguem ter seus filhos por parto normal.

A bebê nasceu dia vinte e três de setembro e Carlos pôde acompanhar tudo.

Merida é tão pequena e linda! Eu escolhi esse nome porque para mim tem um significado muito bonito. “Mulher que alcançou um lugar de honra”. Esse é o significado do nome da princesa Merida, de um filme da Disney chamado Valente. O filme conta a história de uma menina forte e decidida que, ao contrário do desejo de sua mãe, não se interessa pelos assuntos da realeza e quer assumir o controle do seu próprio destino.

Isso me inspira, acho que às vezes me enxergo um pouco na personagem. Por tudo que vivi. Espero que Merida, minha filha, também seja muito valente. Estou decidida a lutar e fazer de tudo para dar o melhor a ela.

Quando a peguei pela primeira vez em meus braços, senti que algo de diferente aconteceu dentro de mim. Foi aquele clichê que todos dizem e até os filmes mostram. Eu me questioneei durante toda a gestação. Me senti insegura e com baixa autoestima pelas mudanças no meu corpo. Diversas vezes duvidei de mim mesma e até pensei em desistir de tudo. Afinal de contas, eu passei toda a minha juventude pensando que as coisas na minha vida teriam uma outra trajetória.

Boba fui eu de pensar que tudo está no nosso controle. Às vezes a beleza das coisas está na imprevisibilidade. A aventura de ser transformada pela

vida. Merida chegou e eu não pude pensar em mais nada e ninguém. Mesmo rodeada de enfermeiras e médicos ali naquela sala de hospital, para mim eram só nós duas! E todos os meus receios, questões de autoestima com o meu corpo durante a gravidez e dúvidas parecem ter sumido quando olhei para ela. Realmente foi algo belo e mágico.

E por falar em beleza... Quando estava na maternidade, vieram trazê-la para que eu pudesse amamentá-la. Os pezinhos foram as primeiras coisinhas que chamaram a minha atenção. Tão delicados! Agora não consigo mais imaginar minha vida sem Merida ao lado.

Espero que a relação com a minha mãe melhore. Eu a amo muito e sinto que ela precisa de mim. Ela sempre é muito na dela e de poucos amigos. Não quero que ela se sinta desamparada. Ela precisa de alguém forte ao lado, mas não de um marido. Acredito que seja eu, afinal de contas sempre fomos nós duas. Por isso, Carlos e eu estamos buscando uma casa para morarmos todos juntos. Aliás, quero que minha mãe faça parte do crescimento da Merida. Me ensinando a cuidar dela e sendo o que ela sempre foi para mim, inspiração.

Com os ensinamentos que eu e a minha família vamos dar para Merida, espero que um dia ela possa sair de seu casulo e voar bem alto. Sendo quem ela quiser ser. Entendendo que a vida não é fácil. Podendo tomar rumos diferentes do que sonhamos. Que crescer dói e exige muito de nós. Mas que sempre estarei por perto para segurá-la e oferecer meu colo de mãe. Enxugar suas lágrimas e dizer: “Você é uma garota forte. Nunca permita que alguém tire a sua paz”.



FIM.

QUEM SOMOS

Cintia Magalhães Neia (USP)

Enfermeira. Especialista em urgência e emergência, gestão e enfermagem psiquiátrica e forense. Membro do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal / CNPQ. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no Sistema Único de Saúde - MPAPS da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (EEUSP).

e-mail: cintiamn@usp.br

Dora Mariela Salcedo Barrientos (USP)

Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela EE-USP. Pós-doutorado pelo Instituto de Saúde Pública da Universidade de Porto (ISPUP). Terapeuta Familiar e de Casal pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP). Terapeuta Comunitária Integrativa e Formadora em TCI. Coordenadora do Polo Cuidador Rimay Yanantin - RIYA/ ABRATECOM. Psicodramatista. Conciliadora de Conflitos pela Escola Paulista da Magistratura (EPM). Docente e Pesquisadora do Curso Obstetrícia da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Docente do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no Sistema Único de Saúde – MPAPS- EEUSP. Membro do nPeriferias- Grupo de Pesquisa das Periferias no Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA-USP). Membro Fundador Positive World Associação Nascidos para triunfar – Portugal. Coordenadora do Convênio Acadêmico entre a EACH-USP e *Escuela de Obstetrícia de la Facultad de Medicina de la Universidad Nacional Mayor de San Marcos* (UNMSM). Líder do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal/ CNPQ

e-mail: dorabarrientos@usp.br

Jadson Marques Dantas (EACH-USP)

Graduando de Obstetrícia (EACH-USP). Terapeuta Comunitário Integrativo/ ABRATECOM. Membro do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal/ CNPQ.

e-mail: jadson.dantas@usp.br

José Manuel Peixoto Caldas (CIEG/ISCSP & ISPUP)

Médico e sociólogo. Investigador Principal no Centro Interdisciplinar de Estudos de Género (CIEG), Instituto de Ciências Sociais e Políticas,

Universidade de Lisboa (ISCSP-ULisboa). Professor Titular da Universidade Federal da Paraíba - Mestrado em Gerontologia. Investigador Associado do Instituto de Saúde Pública, Universidade do Porto. Editor Associado da Revista da Escola de Enfermagem da USP. Investigador Sênior Convidado da FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo. Diretor do Observatório Ibero-americano de Saúde e Cidadania.
e-mail: jcaldas@iscsp.ulisboa.pt

Michele Barros de Souza Simões (UNIFESP)

Musicoterapeuta. Especialista em Psicopedagogia. Doula. Pós-graduanda em Terapia Sistêmica Familiar e de Casal (UNIFESP). Membro do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal/ CNPQ
e-mail: michelebassmusicoterapeuta@gmail.com

Nathalya Tavares dos Santos (EACH-USP)

Graduanda de Obstetrícia (EACH-USP). Terapeuta Comunitário Integrativo/ ABRATECOM. Membro do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal/ CNPQ.
e-mail: nathyvavets@usp.br

Priscila Mazza de Faria Braga (USP)

Advogada. Mediadora de Conflitos do Tribunal de Justiça de São Paulo - TJ/SP. Mestranda do Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Enfermagem na Atenção Primária em Saúde no Sistema Único de Saúde - MPPAS – EEUSP. Membro do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal/ CNPQ
e-mail: priscilamfb@usp.br

Stefanie Sussai (USP)

Médica-veterinária. Mestre em Epidemiologia pela Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da Universidade de São Paulo (FMVZ-USP). Membro do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal/ CNPQ
e-mail: sussai@alumni.usp.br

Vitória Gabriela Picolo (EACH-USP)

Graduanda de Obstetrícia (EACH-USP). Terapeuta Comunitária Integrativa. Membro do grupo de pesquisa Mulher & Saúde: Violência doméstica no período gravídico puerperal/ CNPQ
e-mail: vitoriapicolo@usp.br